A LIAHONA

A IGREJA DE JESUS CRISTO DOS SANTOS DOS ÚLTIMOS DIAS • AGOSTO DE 1997



AGOSTO DE 1997

A LIAHONA





NA CAPA:
Jovens ativos na Igreja, como Jarom LaPierre, de 18 anos, estão criando um legado espiritual em Quebec, no Canadá, onde a história das tradições faz parte da vida cotidiana. Ver "Eu Me Lembro" página 40. (Fotografia: Richard M. Romney.)

CAPA DA *SEÇÃO INFANTIL*:
Sabbath Study (Estudo Dominical), de Sheri Lynn Boyer Doty

ARTIGOS

2 **MENSAGEM DA PRIMEIRA PRESIDÊNCIA: PENSAMENTOS INSPIRADORES** PRESIDENTE GORDON B. HINCKLEY

8 **DO ZAIRE PARA A CASA DO SENHOR** KUTEKA KAMULETE

20 **DAR OUVIDOS OU NÃO** DALE S. COX

26 **RETORNO AO REBANHO**

34 **PONTO POR PONTO** PETREA KELLY

48 **"COM OS OLHOS FITOS NA GLÓRIA DE DEUS"** BETH DAYLEY

ESPECIALMENTE PARA OS JOVENS

10 **ATENDER AO CHAMADO** ÉLDER JACK H GOASLIND

16 **ADOLESCENTE DE NAUVOO: HENRY SANDERSON** WILLIAM G. HARTLEY

32 **ESTOU PRONTO?** MAURO PROPERZI

40 **EU ME LEMBRO** RICHARD M. ROMNEY

46 **O ATAQUE DO ELEFANTE** TERRI REID

DEPARTAMENTOS

1 **COMENTÁRIOS**

25 **MENSAGEM DAS PROFESSORAS VISITANTES: "A TUA FÉ TE SALVOU"**

SEÇÃO INFANTIL

2 **ESTUDANDO: CONSTRÓI-SE UMA GRANDE CIDADE** SHERRIE JOHNSON

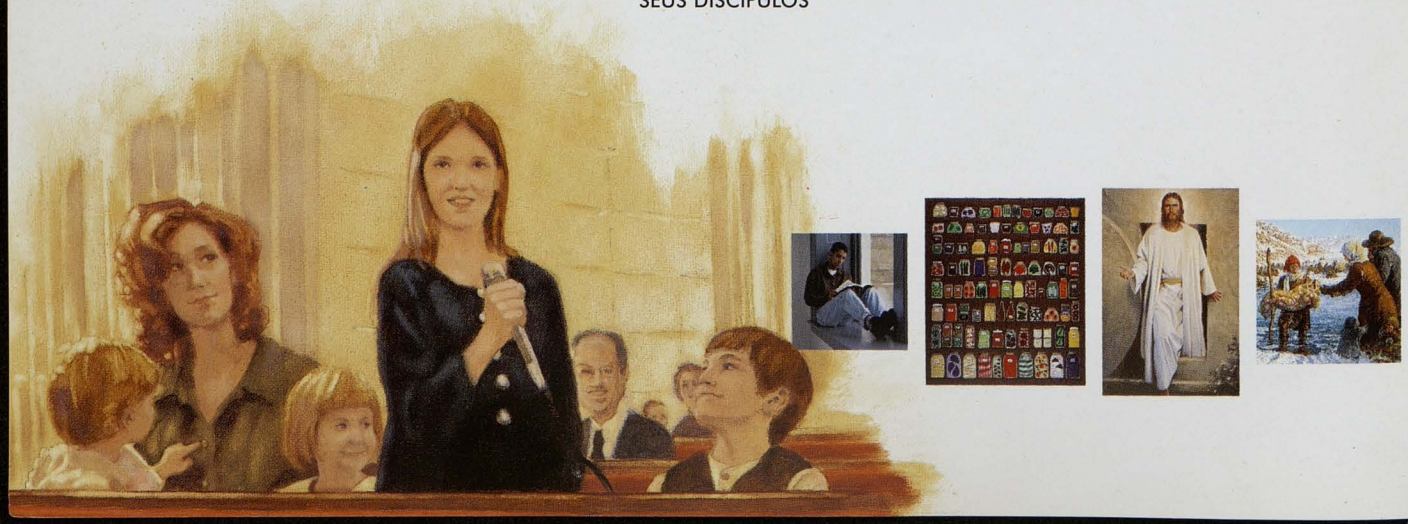
4 **JESSICA, O LIVRO DE MÓRMON, E O IRMÃO LAW** LARAINE WHITEAR

7 **SÓ PARA DIVERTIR**

8 **TEMPO DE COMPARTILHAR: HERÓIS E HEROÍNAS** KAREN ASHTON

10 **FICÇÃO: A LIÇÃO DA BICICLETA** ALMA J. YATES

14 **HISTÓRIAS DO LIVRO DE MÓRMON: JESUS CRISTO ABENÇOA SEUS DISCÍPULOS**



AGOSTO DE 1997, Vol. 21, nº 8
A LIAHONA, 97988 059 – São Paulo – Brasil
Publicação oficial em português de A Igreja de Jesus Cristo dos Santos dos Últimos Dias.
A Primeira Presidência: Gordon B. Hinckley, Thomas S. Monson, James E. Faust
Quórum dos Doze: Boyd K. Packer, L. Tom Perry, David B. Haight, Neal A. Maxwell, Russell M. Nelson, Dallin H. Oaks, M. Russell Ballard, Joseph B. Wirthlin, Richard G. Scott, Robert D. Hales, Jeffrey R. Holland, Henry B. Eyring.
Editor: Jack H Goaslind
Consultores: L. Lionel Kendrick, Wm. Rolfe Kerr
Administradores do Departamento de Currículo:
Diretor Gerente: Ronald L. Knighton
Diretor de Planejamento e Editorial: Brian K. Kelly
Diretor Gráfico: Allan R. Loyborg
Equipe Editorial:
Editor Gerente: Marvin K. Gardner
Editor Gerente Assistente: R. Val Johnson
Editores Adjuntos: David Mitchell, DeAnne Walker
Assistente Editorial: Jenifer Greenwood
Coordenadora Editorial e de Produção: Maryann Martindale
Assistente de Publicações: Beth Dayley
Equipe de Diagramação:
Gerente Gráfico da Revista: M. M. Kawasaki
Diretor de Arte: Scott D Van Kampen
Diagramação: Sharri Cook
Gerente de Produção: Jane Ann Peters
Produção: Reginald J. Christensen, Denise Kirby, Matthew H. Maxwell
Equipe de Assinaturas:
Diretor: Kay W. Briggs
Gerente de Circulação: Kris Christensen
Gerente: Joyce Hansen
A Liahona:
Diretor Responsável e Produção Gráfica: Dario Mingorance
Editor: Luiz Alberto Andrade Silva (Reg. 17.605)
Tradução: Reynaldo J. Pagura
Notícias Locais: Antônio Fernandes Macedo
Assinaturas: Loacir Severo Nunes
REGISTRO: Está assentado no cadastro da DIVISÃO DE CENSURA DE DIVERSÕES PÚBLICAS, do D.P.F., sob nº 1151-P209/73 de acordo com as normas em vigor.
ASSINATURAS: Toda a correspondência sobre assinaturas deverá ser endereçada a:
Departamento de Assinaturas de *A Liahona*
Caixa Postal 26023
05599-970 – São Paulo, SP
Preço da assinatura anual para o Brasil: R$ 15,00.
Preço por exemplar em nossa agência: R$ 1,50.
Para Portugal – Centro de Distribuição Portugal, Rua Ferreira de Castro, 10 – Miratejo, 2800 – Almada. Assinatura Anual: 1.300$00; Para o exterior: Exemplar avulso: US$ 3.00, Assinatura: US$ 30.00.
As mudanças de endereço devem ser comunicadas indicando-se o antigo e o novo endereço.
A LIAHONA – ©1977 A Igreja de Jesus Cristo dos Santos dos Últimos Dias. Todos os direitos reservados. A edição brasileira de "International Magazine" de A Igreja de Jesus Cristo dos Santos dos Últimos Dias acha-se registrada sob o número 93 do Livro B, nº1, de Matrículas e Oficinas Impressoras de Jornais e Periódicos, conforme o Decreto nº4857, de 9-11-1930. "International Magazines" de A Igreja de Jesus Cristo dos Santos dos Últimos Dias são publicadas mensalmente em chinês, dinamarquês, holandês, inglês, finlandês, francês, alemão, italiano, japonês, coreano, norueguês, português, samoano, espanhol, sueco, e tonganês; seis vezes por ano em indonésio e tailandês; e trimestralmente em búlgaro, checo, húngaro, islandês e russo. Impressão: ULTRAPRINT Impressora Ltda. – Rua Bresser, 1224 – Brás – São Paulo – SP. Devido à orientação seguida por esta revista, reservamo-nos o direito de publicar somente os artigos solicitados pela redação. Não obstante, serão bem-vindas as colaborações para apreciação da redação e da equipe internacional de "International Magazines". Colaborações espontâneas e matérias dos correspondentes estarão sujeitas a adaptações editoriais.
Redação e Administração: Av. Prof. Francisco Morato, 2.430 – 05512-300 – São Paulo – SP. Telefone (011) 818-0344.
The A LIAHONA (ISSN 1044-3428) is published by The Church of Jesus Christ of Latter-day Saints, 50 East North Temple, Salt Lake City, Utah 84150. USA and Canadian subscription price $9.00 per year. Sixty days' notice required for change of address. Include address label from a recent issue; changes cannot be made unless both the old address and the new are included. Send USA and Canadian subscriptions and queries to Salt Lake Distribution Center, Church Magazines, P.O.Box 26368, Salt Lake City, Utah 84126-0368, USA. Subscription helpline telephone number: 1-800-453-3860. U.S. Ext. 2947; Canada Ext. 2031. Periodicals postage paid at Salt Lake City.
Printed in Brazil.
POSTMASTER: Send address changes to Salt Lake Distribution Center, Church Magazines, P.O.Box 26368, Salt Lake City, Utah 84126-0368, USA.

LEMBRETES DA PRIMEIRA PRESIDÊNCIA

As mensagens inspiradas da Primeira Presidência fazem-nos lembrar de onde viemos, por que estamos aqui e para onde vamos. Ao aprender a respeito dos irmãos e irmãs de todas as partes do mundo, sinto que meu testemunho tem-se fortalecido. Obrigada pela maravilhosa revista *A Liahona* (espanhol). Ela ocupa um lugar muito importante em minha vida e em meu lar.

Cecilia Gonzáles,
Ramo Cinco de Mission Viejo,
Estaca Santa Ana Califórnia Sul



EXEMPLOS DE ALICE SPRINGS

O artigo "Alice Springs", publicado em março de 1996 na *Der Stern* (alemão), tocou-me profundamente. Deixei a revista de lado várias vezes, mas sempre tornava a pegá-la para ler o artigo. Gostaria de agradecer aos jovens irmãos e irmãs australianos ali citados, por seu exemplo de serviço ao Senhor. Desejo a toda a juventude força e fidelidade incessantes na obra do Senhor!

Gisela Ludwig,
Ramo de Hohenstein-Ernstthal,
Estaca Leipzig Alemanha

INSTRUMENTO MISSIONÁRIO

Antes de sair para a missão, dei a uma colega uma assinatura de *A Liahona* (português). Três meses depois, ela foi batizada e hoje é membro fiel da Igreja.

Como missionário, sempre procuro falar de algo contido na revista com nossos investigadores. Eles sempre demonstram interesse pelos artigos e sentem um forte Espírito. A revista é um grande instrumento missionário — se a usarmos.

Élder Gevezier,
Missão Brasil Recife



REVELAÇÃO CONTÍNUA

Quando estou lendo a *La Stella* (italiano), sinto-me espiritualmente revigorada. Sou grata ao Pai Celestial pela revelação contínua e pelas palavras inspiradas que posso encontrar na revista.

Sou especialmente grata pelo artigo "O Espírito de Elias" escrito pelo Presidente Gordon B. Hinckley em novembro de 1996. Gosto muito da obra da história da família. Se trabalharmos diligentemente, poderemos sentir alegria e paz ao unirmos nossa família para a eternidade.

Laura Calio,
Ala I de Milão,
Estaca Milão Itália

A seção de PERGUNTAS E RESPOSTAS de *A Liahona* convida os leitores jovens a responderem à pergunta abaixo. Favor enviar a resposta até 1º de outubro de 1997 para: QUESTIONS AND ANSWERS, International Magazines, 50 East North Temple Street, Salt Lake City, Utah 84150, USA. A resposta pode ser datilografada ou escrita em letra legível em seu próprio idioma. Você deve incluir seu nome, endereço, ala e estaca (ramo e distrito). Se possível, mande uma fotografia.

PERGUNTA: Estou preocupado com minha família. É difícil fazer meus irmãos irem à igreja, e minha irmã mais velha não é ativa. Eles têm pouco respeito por nossos pais. Como posso tornar meu lar mais feliz e mais espiritual?



PENSAMENTOS INSPIRADORES

Presidente Gordon B. Hinckley

Testemunho

"De todo o trabalho que realizamos, a liderança que exercemos e os ensinamentos que ministramos, o que de mais importante podemos fazer por nossos liderados é cultivar em seu coração um vivo, vigoroso e vibrante testemunho e o conhecimento do Filho de Deus, Jesus Cristo, o Redentor do mundo, a causa de nossa salvação, Aquele que expiou pelos pecados do mundo e abriu o caminho da salvação e da vida eterna. Em tudo o que fizermos, espero que de algum modo estejamos edificando constantemente o testemunho de nosso povo a respeito do Salvador. Tenho a convicção de que se um homem tiver no coração um testemunho verdadeiro do Senhor Jesus Cristo, todas as outras coisas entrarão nos eixos (. . .) Essa é a fonte de todas as virtudes daqueles que se consideram santos dos últimos dias."(Conferência regional de alunos casados da Universidade Brigham Young, reunião da liderança do sacerdócio, Provo, Utah, 10 de fevereiro de 1996.)



O que de mais importante podemos fazer por nossos liderados é cultivar em seu coração um vivo, vigoroso e vibrante testemunho e o conhecimento do Filho de Deus, Jesus Cristo, o Redentor do mundo.

ELE RESSUSCITOU, QUADRO DE DEL PARSON; ILUSTRAÇÕES DE ROBERT T. BARRETT



A Expiação

"Se alguém ainda tiver alguma dúvida a respeito da divindade desta obra, pondere a importância da universalidade dos mais ricos frutos da Expiação. Sim, a Ressurreição, concedida a todos os homens pela graça de Deus, mas além disso, o magnífico conceito da exaltação e vida eterna por meio da aceitação e do cumprimento dos princípios do evangelho. Sinto-me extremamente grato por isso." (Serão realizado em Nottingham, Inglaterra, 30 de agosto de 1995.)

O Caminho da Felicidade

"O caminho do Senhor é o caminho da felicidade. A iniqüidade, a transgressão, o pecado e a desobediência nunca foram felicidade. O caminho da felicidade é seguir o caminho do Senhor. Creio nisso de todo o coração. Se existe uma constante em todo o Livro de Mórmon é esta grandiosa e divina mensagem: Quando as pessoas vivem em retidão, são felizes e prosperam; quando cometem iniqüidades, tornam-se miseráveis e enfrentam guerras, pobreza e muitos problemas. Esse tema repete-se por todo o Livro de Mórmon. Da mesma forma que naquela época, o mesmo se aplica a nossos dias. O caminho da felicidade, para o povo desta Igreja, é seguir o caminho do Senhor." (Oahu, Havaí, conferência regional, 18 de fevereiro de 1996.)

Somos um Povo que Faz Convênios

"Somos um povo que faz convênios, e esse é um assunto muito sério. Quando esta obra foi restaurada e o Senhor definiu os propósitos da Restauração, Ele disse que uma das razões da Restauração era fazer com que Seu eterno convênio fosse estabelecido, ou melhor, reestabelecido. (. . .) Esse eterno convênio foi renovado nesta dispensação. De fato, fizemos esse convênio quando fomos batizados. Tornamo-nos literalmente membros de Sua família eterna. Todos os filhos de Deus fazem parte de Sua família, mas de modo muito particular e maravilhoso existe um relacionamento especial entre Deus e os filhos de Seu convênio (. . .) Cada vez que tomamos o sacramento, não apenas o fazemos em lembrança do sacrifício do Filho de Deus, mas também tomamos sobre nós o nome de Jesus Cristo e prometemos cumprir Seus mandamentos. Ele, por Sua vez, promete que nos abençoará com Seu Santo Espírito. Somos um povo que faz convênios, e grandes são as obrigações que acompanham esses convênios." (Serão realizado em Copenhague, Dinamarca, 14 de junho de 1996.)

A Fé do Profeta Joseph Smith

"Joseph foi [ao Bosque] quando ainda era menino. Já me perguntei várias vezes por que o Senhor permitiu que isso acontecesse quando Joseph tinha apenas 14 anos de idade. Por que não esperou até que [Joseph] tivesse vinte, trinta ou quarenta anos, quando teria a maturidade da idade adulta? Joseph foi ao bosque — o Senhor permitiu que isso acontecesse — e recebeu resposta a sua dúvida porque o fez com a perfeita confiança de um menino. Não havia dúvidas em sua mente. Ele disse que se alguém necessitava de sabedoria essa pessoa era ele, e foi exatamente isso que

pediu, com a plena confiança de que algo iria acontecer como resultado de sua oração. Não temos qualquer registro das palavras usadas por Joseph em sua oração. Sabemos, porém, que ele fez a pergunta e conversou com o Senhor. Nesses breves ou longos minutos, Joseph Smith aprendeu mais a respeito da natureza de Deus do que todos os mais ilustres teólogos de todos os tempos aprenderam na vida." (Reunião de Missionários, Rochester, Nova York, 12 de julho de 1996.)

Proclamação sobre a Família

"Por que a proclamação sobre a família foi feita em nossos dias? Porque a família está sob ataque. Em todo o mundo as famílias estão-se desintegrando. O lar é o lugar a partir do qual devemos começar a melhorar a sociedade. As crianças comportam-se, na maioria das vezes, da maneira como foram ensinadas a agir. Fortalecendo a família estaremos tornando o mundo melhor." (Entrevista coletiva à imprensa, Tóquio, Japão, 18 de maio de 1996.)

Maltratar a Esposa

"Tratem bem sua esposa. Uma das maiores tragédias deste mundo, que existiu em todas as gerações e em todas as nações, tem sido o modo cruel com que certos maridos tratam a esposa. Nenhum homem será digno do sacerdócio se maltratar sua esposa, a mãe de seus filhos. Tratem-na com amor, respeito e reconhecimento. Vocês não poderão entrar no mais alto grau de glória do reino do céu a menos que estejam de mãos dadas com sua companheira. O Senhor deixou isso bem claro." (Serão realizado em Copenhague, Dinamarca, 14 de junho de 1996.)

Para a Juventude

"Vocês são maravilhosos e têm dentro de si o potencial de fazer coisas boas, grandiosas e extraordinárias. Não deixem que ninguém os impeça disso, não permitam que ninguém se coloque em seu caminho, não se distraiam com qualquer tipo de aventura que possa prejudicá-los ou feri-los. 'Faze o bem, os efeitos espera' (*Hinos*, número 147). Se estiverem em uma festa e ela começar a tomar o rumo errado, despeçam-se e saiam. Sejam corajosos, façam o que é certo, confiem no Senhor e Ele irá abençoá-los de maneira maravilhosa." (Reunião de Jovens, Denver, Colorado, 14 de abril de 1996.)

Educação

"Damos grande ênfase à educação. Algo muito interessante ocorre na Igreja. Um estudo recente mostrou que quanto mais instruídas são as pessoas, mais ativas elas são na Igreja. Isso é algo muito significativo. Muitas pessoas acham que a religião é algo para pessoas pouco instruídas ou sem estabilidade na vida, mas esse estudo demonstra que quanto mais alto é seu nível de escolaridade, mais ativas as pessoas são na Igreja, em termos gerais. Para mim, isso tem enorme importância e demonstra algo muito significativo." (Entrevista concedida a Lawrence Spicer, London News Service, 28 de agosto de 1995.)

Bênçãos Patriarcais

"Espero que estejamos incentivando as pessoas com maturidade suficiente para compreender a importância de uma bênção patriarcal a recebê-la. Considero minha bênção patriarcal uma das coisas mais sagradas da minha vida. A bênção patriarcal é especial, sagrada, particular e maravilhosa concedida a todo membro desta Igreja que for digno de recebê-la. Espero, irmãos, que os bispados, em especial, estejam aconselhando seu povo a respeito desse assunto. Espero também que os patriarcas estejam abençoando as pessoas com a inspiração e revelação do Senhor ao impor-lhes as mãos, em cumprimento de seu sagrado chamado de patriarca. Que coisa especial, particular, individual e maravilhosa é uma bênção patriarcal proferida, em nome do Senhor Jesus Cristo, por um homem com a autoridade do sacerdócio e o ofício e chamado de patriarca." (Smithfield-Logan, Utah, conferência regional, reunião de liderança do sacerdócio, 20 de abril de 1996.)

Os Benefícios do Serviço Missionário

"Tudo de bom que aconteceu comigo, em todos esses anos de vida, teve origem em minha experiência como missionário." (Serão de rededicação da capela de Hyde Park, Londres, Inglaterra, 27 de agosto de 1995.)

Templos e o Casamento no Templo

"Que edifício magnífico e belo [é o templo]. No entanto, apesar de toda a beleza do edifício, ele é apenas um meio e não um fim em si mesmo. Ele foi construído e dedicado para a realização de ordenanças sagradas que o Senhor revelou nesta época, entre as quais a sagrada ordenança do casamento para o tempo e toda a eternidade. Não existe nada semelhante em todo o mundo. Espero que, enquanto esperam o casamento, vocês tomem a decisão, da qual nunca se desviarão na vida, de casarem-se na casa do Senhor." (Serão para adultos solteiros, San Diego, Califórnia, 24 de março de 1996.)

Para as Moças

"Quero dizer às moças hoje aqui presentes que nunca se sintam inferiores em relação ao papel que desempenham neste mundo. Vocês são filhas de Deus, e sei que o Pai Celestial ama Suas filhas tanto quanto Seus filhos. Ergam a cabeça e sejam corajosas, andando em retidão, fé, virtude e verdade, não permitindo que ninguém as menospreze ou desvalorize. Vocês são filhas de Deus. Vivam de modo a serem dignas de sua herança divina, minhas queridas jovens. Vocês não são inferiores em nenhum aspecto. No plano do evangelho vocês são filhas de Deus. Cada um de nós tem seu lugar no grande plano divino e devemos magnificar o chamado, os talentos, as atribuições e boas qualidades que possuímos." (Conferência regional do Ricks College, Rexburg, Idaho, 29 de outubro de 1995.)

O Cumprimento do Dia do Senhor

"O Dia do Senhor é precioso. Ele representa a grandiosa conclusão do trabalho de Jeová na criação da Terra e de tudo o que nela existe. Quando a obra estava terminada, Ele olhou e viu que tudo era bom, então descansou no Dia do Senhor. Desejo fazer um apelo a nosso povo, pedindo-lhes que não façam compras no domingo. Vocês podem, talvez, achar que um pouquinho não faz qualquer diferença, mas faz toda a diferença do mundo, tanto para vocês quanto para seus filhos, que observam seu exemplo. Não deve haver compras aos domingos em nosso meio, como tem acontecido em certos lugares." (Charlotte, Carolina do Norte, conferência regional reunião de liderança do sacerdócio, 24 de fevereiro de 1996.)

Reverência

"Precisamos melhorar nossas reuniões sacramentais e fazer delas um momento de adoração em todos os aspectos. Incentivem a reverência, que é a atitude tranqüila e meditativa e contemplativa que devemos ter ao entrar na capela. Há muito barulho. Somos um povo sociável, mas eu gostaria que não demonstrássemos isso de modo tão ruidoso na capela." (Pittsburgh, Pensilvânia, conferência regional, 27 de abril de 1996.)

Viver o Evangelho em Todos os Momentos

"Nossa religião deve ser vivida sete dias por semana. Não se trata apenas de uma religião dominical, não se limita às três horas que passamos na Igreja ou o tempo que passamos no seminário . . . ela deve ser vivida todos os momentos, vinte e quatro horas por dia, sete dias por semana, 365 dias por ano." (Serão para jovens, Parowan, Utah, 13 de janeiro de 1996.)

O Significado da Vida

"Vocês conhecem o propósito da vida, sabem qual o seu significado. Sabem que fazem parte de um plano eterno, que viveram com um objetivo antes desta vida, que esta vida é uma missão, não apenas uma carreira, e que iremos atravessar o véu algum dia mas continuaremos a progredir depois disso. Não conheço nenhum outro grupo de pessoas no mundo que compreenda o significado da vida tanto quanto nós compreendemos, graças à restauração do evangelho de Jesus Cristo." (Serão para adultos solteiros, San Diego, Califórnia, 24 de março de 1996.)

Filhos

"Os filhos devem respeitar os pais. Os filhos receberam do Senhor o seguinte mandamento: 'Honra a teu pai e a tua mãe para que se prolonguem os teus dias na terra que o Senhor teu Deus te dá'. (Êxodo

20:12) Os filhos precisam vencer seu próprio egoísmo e receber dos pais amor, compreensão, educação e sabedoria." (*Church News*, 7 de junho de 1995)

Oração Familiar

"Todas as famílias desta Igreja devem reunir-se para orar juntos. É importante que façamos nossas orações pessoais, mas a oração em família é uma coisa maravilhosa. Orem a seu Pai Celestial com fé. Orem em nome do Senhor Jesus Cristo. Não há nada melhor que poderão fazer por seus filhos do que dar-lhes individualmente a oportunidade de proferir a oração familiar, expressando gratidão pelas bênçãos recebidas. Se fizerem isso enquanto seus filhos são pequenos, eles crescerão com o desejo de sempre agradecer ao Pai Celestial." (Serão na estaca Naha Okinawa Japão e Distrito Militar Okinawa Japão, 20 de maio de 1996.)

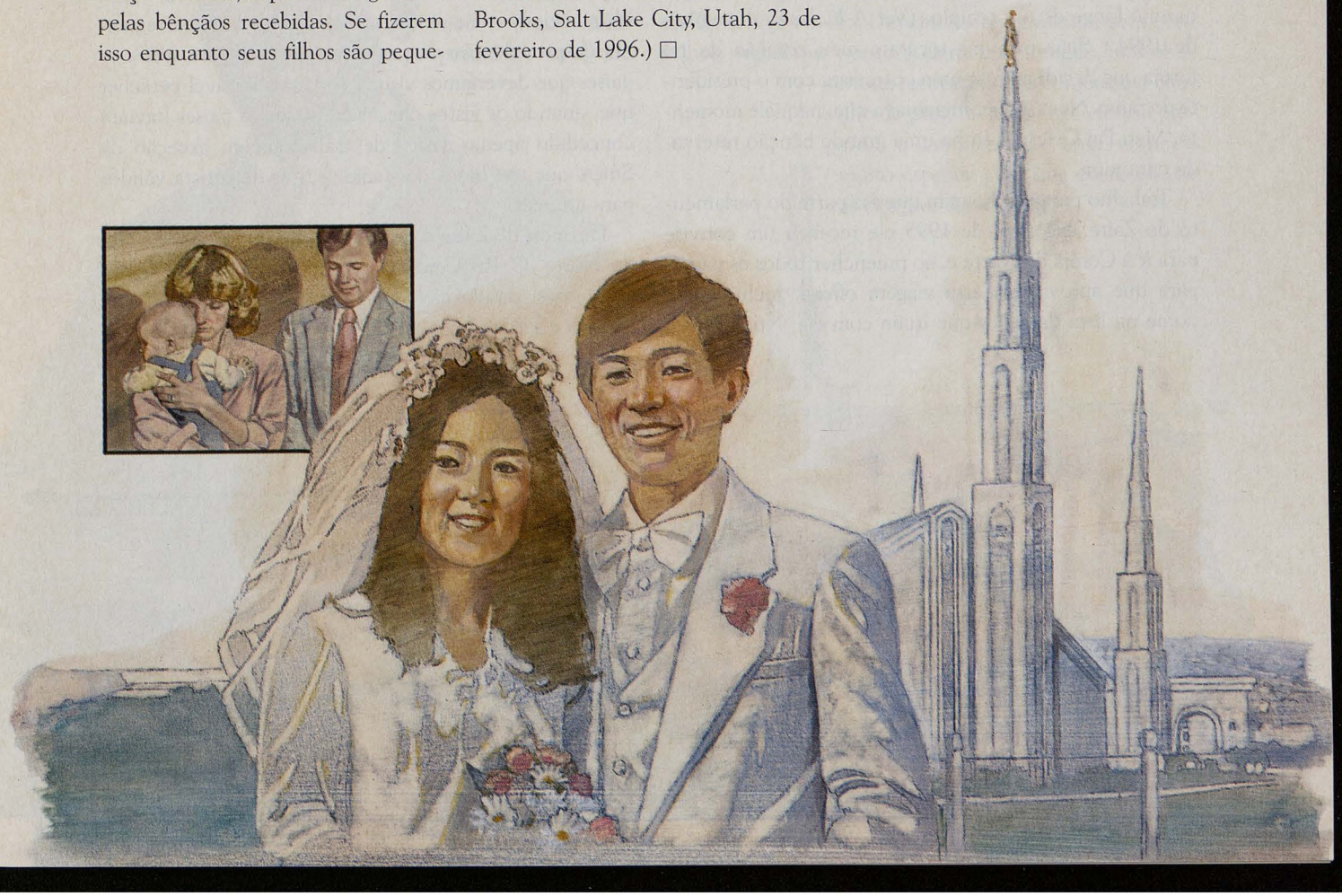
A Morte

"A morte faz parte da vida. É um elemento fundamental e básico de nossa vida eterna. Não poderemos progredir para o grande trabalho que temos pela frente sem transpor as portas da morte, por mais doloroso que isso seja para os que ficam para trás. Tenho a convicção de que será uma experiência maravilhosa para aqueles que viveram em retidão e fidelidade." (Funeral de Harry V. Brooks, Salt Lake City, Utah, 23 de fevereiro de 1996.) □

IDÉIAS PARA OS MESTRES FAMILIARES

1. O Senhor disse a respeito das palavras de Seus servos: "E tudo que falarem, quando sob a inspiração do Espírito Santo, (. . .)será a vontade do Senhor, será a mente do Senhor, será a palavra do Senhor, será a voz do Senhor e o poder de Deus para a salvação". (D&C 68:4)

2. Escolham, em espírito de oração, dentre os trechos publicados neste artigo, aqueles que possam fortalecer e abençoar as pessoas e famílias que vocês visitam como mestres familiares.



DO ZAIRE PARA A

Kuteka Kamulete
ILUSTRADO POR JERRY THOMPSON

Moro com minha mulher Nambwa Mbo e nossos dois filhos, Kabamba e Kamulete no Zaire, uma nação situada na África Central. Todos somos membros da Igreja. Nosso terceiro filho, Vumbi, faleceu em dezembro de 1996.

De vez em quando, lemos artigos nas revistas da Igreja a respeito de membros que fazem um grande sacrifício para ir ao templo. Sempre fico impressionado com as coisas incríveis que acabam acontecendo para que consigam atingir tal objetivo. Nunca imaginei que algo semelhante acontecesse comigo.

O templo mais próximo de nós fica na África do Sul, bem longe de nossa casa na cidade de Kinsuka, Zaire. Isso me levava a pensar com freqüência: *Por que devo preocupar-me em conseguir uma recomendação para o templo se não tenho condições financeiras para ir até lá?* No entanto, em 1994, o Presidente Howard W. Hunter aconselhou todos os santos dos últimos dias dignos a possuírem uma recomendação para o templo, incluindo aqueles que moram longe de um templo. (Ver *A Liahona*, novembro de 1994.) Suas palavras tocaram meu coração de tal forma que decidi marcar uma entrevista com o presidente do ramo. Nem sequer imaginava que, naquele momento, Meu Pai Celestial tinha uma grande bênção reservada para mim.

Trabalho para um homem que faz parte do parlamento do Zaire. No final de 1995 ele recebeu um convite para ir à Coréia do Norte e, ao preencher todos os papéis para que aprovassem essa viagem oficial, incluiu meu nome na lista daqueles que iriam com ele. No entanto, nosso governo não aprovou os planos. Com a recusa, iniciou-se um longo período de negociações, sendo que meu supervisor continuava esforçando-se para que a aprovação da viagem fosse concedida.

Pedi a meus líderes do sacerdócio que orassem comigo para que os planos fossem aprovados e que meu nome permanecesse na lista. A aprovação saiu quatro meses mais tarde e apenas dois nomes permaneceram na lista: o de meu supervisor e o meu.

Fiquei radiante, mas sabia que não havia um templo na Coréia do Norte e por isso não tinha a menor idéia de quão significativa seria minha viagem. Quando recebi a notícia de que a viagem fora aprovada, ouvi as seguintes palavras sussurradas brandamente em meu coração: "Não perca tempo! Assegure-se de que a Suíça esteja incluída em seu roteiro de viagem". Percebi que talvez eu tivesse a oportunidade de ir ao templo da Suíça!

Procurei meu supervisor imediatamente e sugeri que fizéssemos escala na Suíça, tanto na ida como na volta, idéia aceita por ele sem nenhum problema. Encarregueime de providenciar as passagens e vistos para todos os países que deveríamos visitar. Foi inacreditável perceber que, quando os vistos chegaram, todos os países haviam concedido apenas vistos de trânsito, com exceção da Suíça, que nos havia concedido vistos de turista válidos para um mês!

Partimos do Zaire e chegamos em segurança à Coréia do Norte. O Pai Celestial esteve comigo em todos os momentos, dando-me forças para viver conforme Sua palavra e ser um bom exemplo do evangelho restaurado.



CASA DO SENHOR

Era inverno e freqüentemente ofereciam-nos chá quente contudo, sempre fui obediente à Palavra de Sabedoria. Quando nos sentávamos à mesa com os líderes norte-coreanos, todos brindavam com chá, café ou vinho, ao passo que eu bebia água ou leite.

Depois de concluir nossa designação na Coréia do Norte, viajamos para a China e, em seguida, fomos à Suíça e a aterrissagem foi em Genebra. Meu líder da Igreja no Zaire havia sugerido que eu entrasse em contato com um membro da Igreja chamado irmão Rimli assim que eu chegasse em Genebra. Planejei encontrar-me com o irmão Rimli no dia seguinte e ir ao Templo da Suíça com ele. No entanto, meu supervisor queria que eu o acompanhasse até Lausanne, outra cidade da Suíça. Expliquei-lhe que teria um compromisso muito importante no dia seguinte e que não poderia acompanhá-lo, mas ele insistiu em que eu fosse a Lausanne com ele.

Retirei-me para meu quarto e fiz uma oração. Não demorou muito para que meu supervisor mudasse de opinião. Eu não mais precisava ir com ele.

Fiquei muito grato por poder ir a Berna no dia seguinte e encontrar-me com o irmão Rimli no Templo da Suíça. Senti-me impressionado com a beleza e grandiosidade da construção. Todos os oficiantes do templo estavam esperando-me e fizeram-me sentir à vontade, o que me deu a sensação de estar em casa. Nunca me esquecerei do amor que o presidente do templo e sua esposa, Presidente e Irmã Mário V. Vaira, demonstraram por mim. Recebi minha investidura naquele dia, que foi o maior presente que recebi na vida. Oro para que chegue o dia em que me seja possível levar minha mulher e nossos dois filhos ao templo. Desejamos, do fundo do coração, que nosso terceiro filho, já falecido, seja selado a nós também.

Esta é a Igreja verdadeira de Deus. Temos um profeta na Terra hoje em dia. Devemos sempre escutar seus conselhos. Achei que nunca poderia ir ao templo, mas obtive uma recomendação conforme o conselho do profeta. Meu Pai Celestial preparou o caminho de uma maneira muito especial para que eu recebesse as bênçãos do templo. □





Atender ao Chamado

Em 1856, quatro rapazes enfrentaram corajosamente um rio perigoso. A torrente de tentações que vocês enfrentam em 1997 é muitas vezes mais perigosa.

Élder Jack H Goaslind Da Presidência dos Setenta e Presidente Geral dos Rapazes



A COMPANHIA DE CARRINHOS DE MÃO MARTIN SENDO RESGATADA POR VOLUNTÁRIOS, DE CLARK KELLEY PRICE

De 1846 até 1869, quando a estrada de ferro chegou a Utah, muitos membros da Igreja cruzaram as planícies em carroções e a pé, rumo ao vale do Lago Salgado. De 1856 a 1860, muitos puxaram ou empurraram pequenos carrinhos de mão nos quais puseram todos os seus bens materiais. A viagem era longa e árdua, e os santos que rumaram para o vale chegaram cansados, doentes e famintos. Alguns voltaram atrás e outros, infelizmente, morreram pelo caminho.

Na conferência geral de outubro de 1856, chegaram a Salt Lake City notícias de que as companhias de carrinhos de mão Willie e Martin estavam passando dificuldades. As companhias haviam-se atrasado na partida e tinham sido surpreendidas por uma tempestade de inverno antes do tempo, nas planícies de Wyoming. O Presidente Brigham Young suspendeu a conferência e conclamou homens capazes para que rapidamente juntassem suprimentos

e organizassem uma equipe de resgate. Entre os valentes homens que partiram a cavalo de Salt Lake City para salvar os santos em dificuldade estavam os seguintes rapazes: Allen Huntington, George W. Grant, David P. Kimball e Stephen Taylor. Quando saíram do vale, não sabiam o que lhes seria exigido ou que contribuição iriam fazer para a edificação do reino.

Ao chegar às margens do rio Sweetwater, que estava cheio de blocos de gelo, a equipe de resgate encontrou as companhias impedidas de prosseguir por causa da neve, que chegava a 46 centímetros de altura. Havia homens, mulheres e crianças do grupo que estavam muito fracos e sem forças para cruzar o rio, com certeza sofrendo as conseqüências do congelamento, hipotermia e extremo cansaço.

Foi nesse momento que aqueles fortes rapazes tiveram que fazer um sacrifício raramente exigido das pessoas. Cruzaram várias vezes o rio, carregando os integrantes da companhia através da gélida torrente, até que toda a companhia estivesse em segurança e a caminho de um abrigo, para depois seguir para o vale do Lago Salgado. Aqueles rapazes molhados, enregelados e exaustos entraram para a lista dos heróis da época. Não eram perfeitos; provavelmente eram rapazes comuns, com

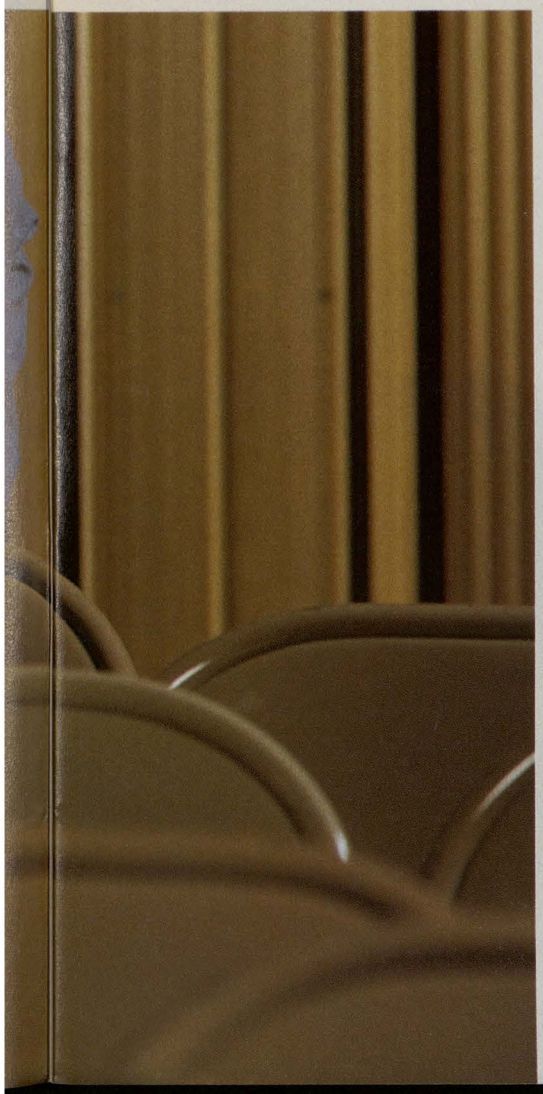
Vocês, rapazes que possuem atualmente o Sacerdócio Aarônico, são valentes, capazes e desejosos de servir e abençoar a vida de outras pessoas.



seus próprios defeitos, fraquezas, problemas, temores e dificuldades. Porém, atenderam ao chamado do Profeta. Estavam prontos quando o Senhor precisou deles para abençoar a vida de outras pessoas.

NÃO MENOS VALENTES

Creio que vocês, rapazes que possuem atualmente o Sacerdócio Aarônico, não são menos valentes, menos capazes nem menos desejosos de servir e abençoar a vida de outras pessoas. Vocês vivem numa época em que o tipo de sacrifício feito por C. Allen Huntington, George W. Grant, David P. Kimball e Stephen W. Taylor já não lhes é exigido. Seu sacrifício é de outra natureza. No entanto, os diáconos, mestres e sacerdotes de hoje encontram desafios talvez muito mais traiçoeiros do que os enfrentados pelos rapazes que carregaram os sobreviventes da companhia de carrinhos de mão através do rio gelado.



FOTOGRAFIA DE STEVE BUNDERSON

Os rapazes de hoje sofrem violentos ataques a sua capacidade de suportar as tentações do mundo, como nenhuma outra geração enfrentou antes. Vocês são diariamente bombardeados com filmes, programas de rádio e televisão, fitas de vídeo, música, moda, revistas, livros e até jornais que os incitam a fazer coisas erradas, tentando sutil ou abertamente convencê-los de que esse tipo de comportamento é aceitável na sociedade atual. Isso é uma grande mentira, que faz as trevas parecerem luz e o mau parecer bom, ensinando que não existem mais padrões, que ninguém mais se importa com nosso modo de agir e que só devemos satisfações a nós mesmos.

Esse desafio é muito mais perigoso do que as águas geladas enfrentadas por aqueles valentes rapazes de 1856. Eles encararam a tarefa plenamente cientes da capacidade do rio de causar-lhes a morte. As provações e tentações que vocês enfrentam hoje também devem ser encaradas como algo suficientemente poderoso para causar-lhes a morte — a morte espiritual — o tipo de morte que nos sobrevém quando não mais sentimos tristeza, compaixão, amor fraternal e outros sentimentos bons e edificantes que nos ajudam a progredir, crescer e achegar-nos ao Salvador, Jesus Cristo.

Essas grandes tentações também impedem que muitos rapazes tenham a oportunidade de serem maridos e pais, de tornarem-se líderes dignos e amorosos em seu lar e de conhecerem a alegria e a felicidade que sente um casal que foi unido eternamente em matrimônio pela autoridade do Senhor e recebeu as bênçãos das ordenanças do templo, as quais cumpre e aprecia.

A imoralidade e a transgressão sexual impedem muitas pessoas de desfrutarem a bela experiência de tornarem-se missionários de tempo integral, oferecendo um tempo de sua vida ao Senhor para procurar os que estão buscando o verdadeiro evangelho de Jesus Cristo. Aqueles que seguem um estilo de vida marcado por essas transgressões procuram convencer-se de que não é importante receber dignamente as ordenanças do sacerdócio, usar o poder do sacerdócio para abençoar a vida de outras pessoas ou receber a confirmação do Espírito Santo de que este é o trabalho de Deus na Terra.

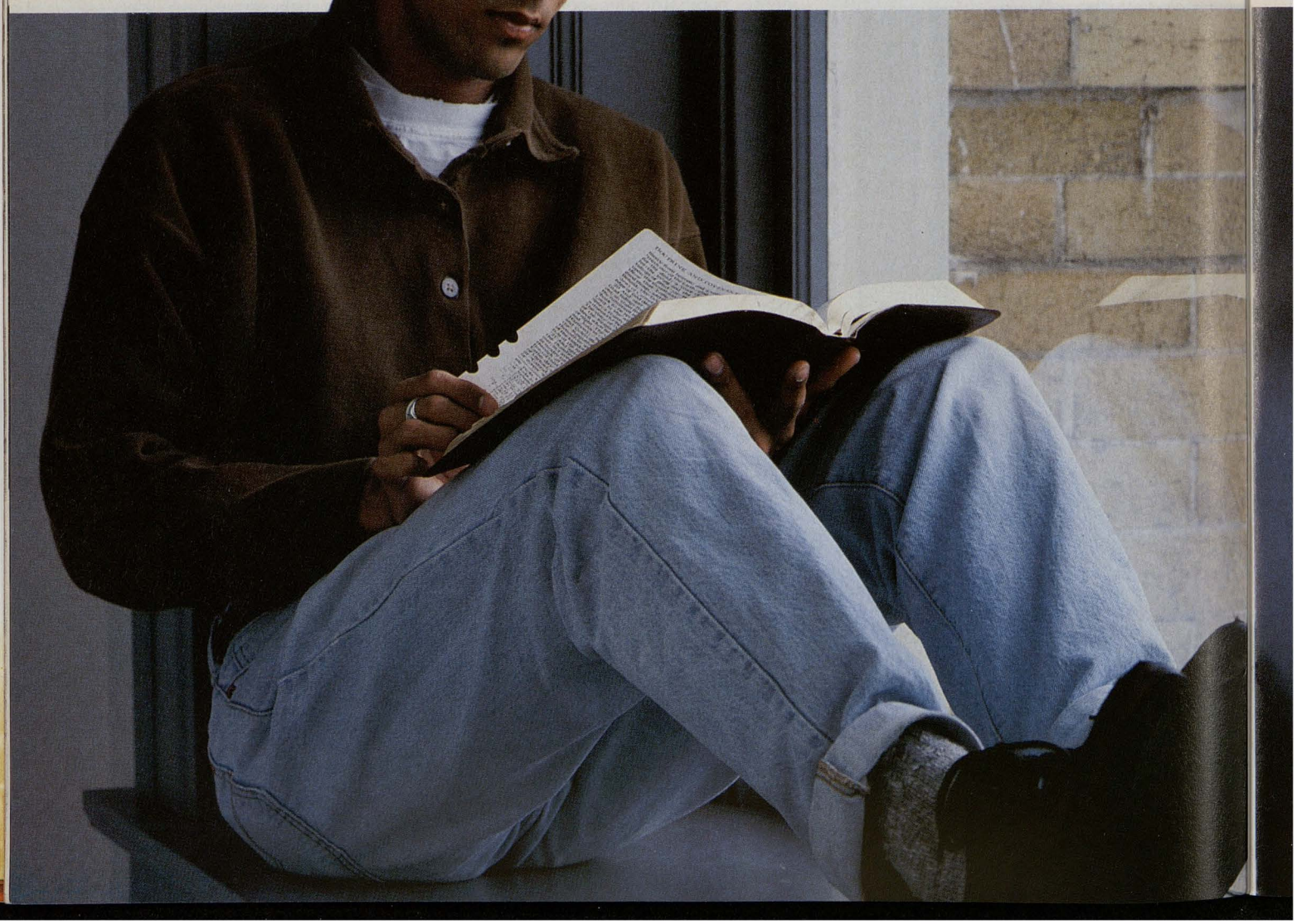
VENCER AS INFLUÊNCIAS NEGATIVAS

Como vocês podem vencer os efeitos negativos dessas fortes influências tão comuns em nossa sociedade? Como tudo o mais que vale a pena, isso exige esforço. Deveria ser algo fácil, mas nem sempre o é. Nem sempre vocês terão sucesso. Pode ser que lhes seja fácil resistir às tentações, ou

talvez não. Vocês podem ter amigos que tentem convencê-los a assistir filmes impróprios, ler revistas indecentes ou participar de todo tipo de atividade imoral. Ou talvez vocês morem em um lar em que o evangelho não seja ensinado nem vivido. Pode ser que vocês sejam o único membro da Igreja de sua escola ou vizinhança, ou pode ser que morem em uma região em que a maioria de seus colegas de escola sejam membros da Igreja, sendo-lhes fácil "escorregar" de vez em quando, porque todos sabem que são "geralmente uma boa pessoa".

Como já mencionei, é necessário muito trabalho, mas se desejarem realmente vencer as influências negativas e permanecer fiéis a suas crenças, quero dar-lhes algumas idéias úteis. Existem cinco coisas que toda pessoa pode fazer diariamente para melhor aprender, compreender ou viver os ensinamentos de Jesus Cristo, sejam quais forem nossas condições de vida, seja lá onde vivamos ou como nos relacionemos com as pessoas ou quais sejam nossos compromissos pessoais com as verdades do evangelho. Essas idéias ajudaram-me e também muitas outras

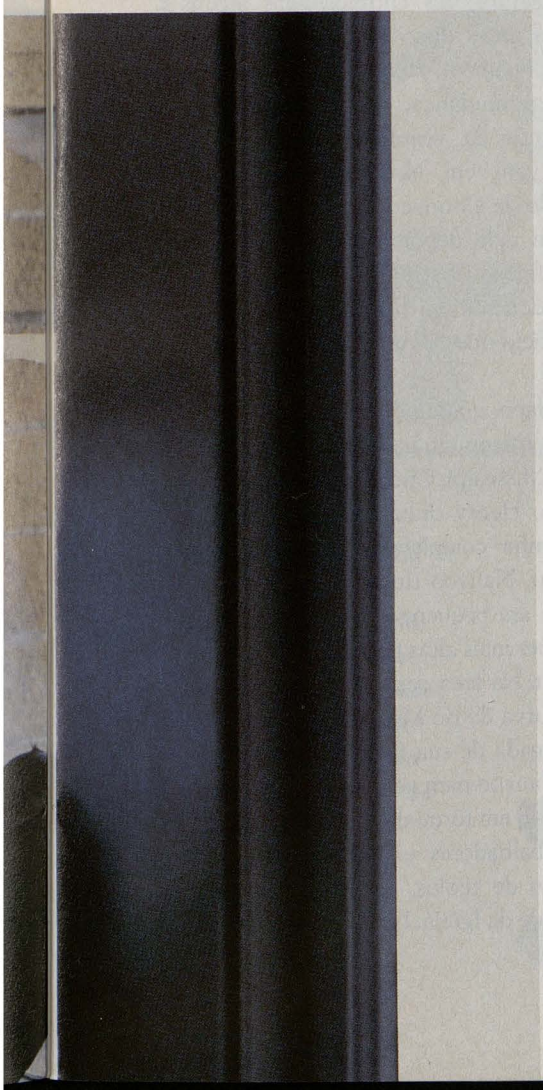
O estudo diário das escrituras é um dos meios mais eficazes de se obter e fortalecer nosso testemunho do evangelho.



pessoas, e sei que irão ajudar vocês.

Primeiro: A oração é a chave do dia e o fecho da noite. Se começarem hoje a orar todas as manhãs e todas as noites, prometo que a oração será uma força em sua vida, trazendo-lhes grande consolo, bênçãos e maior capacidade de permanecer fiéis às lições que aprenderam na Primária, na Escola Dominical e nos quóruns do Sacerdócio Aarônico.

Segundo: O serviço diário ao próximo ajuda-nos a adquirir uma importante perspectiva de vida, enquanto provê a necessária assistência às pessoas que servimos. O ato de identificar as necessidades de outras pessoas e procurar descobrir uma maneira de atendê-las é uma das mais gratificantes experiências da vida. Se em sua juventude desenvolverem a capacidade e o desejo de realizar esse trabalho, isso proporcionará uma vida inteira de alegria para vocês e para outras pessoas.



FOTOGRAFIA DE JED CLARK

Terceiro: A firme obediência aos princípios do evangelho ajuda-nos a aprender e crescer no evangelho e torna-nos dignos de receber as bênçãos prometidas pelo Pai Celestial. Em Doutrina e Convênios 130:21, Joseph Smith ensinou que todas as bênçãos dependem da obediência às leis que nos foram dadas por Deus. Cada dia é uma oportunidade de verificar quão obedientes fomos e de resolver que seremos mais obedientes no dia seguinte. Aqueles que amam Jesus Cristo e Deus, o Pai Eterno, e são obedientes aos mandamentos que Eles nos deram receberão as bênçãos que Eles nos prometeram.

Quarto: Cada um de nós necessita aprender e conhecer por si mesmo que Deus vive, que Jesus Cristo é Seu Filho e que Seu propósito é ajudar-nos a encontrar o caminho de volta para vivermos com Eles por toda a eternidade. Reconheçam diariamente a mão de Deus em sua vida, orando, estudando as escrituras, meditando sobre os princípios do evangelho e procurando compreender e viver as leis de Deus que podem ajudar-nos a fortalecer nossa crença — e conhecimento — de que Deus realmente existe e que somos Seus filhos. Fomos ensinados que dia virá em que não mais poderemos viver com luz emprestada, mas teremos de ter nosso próprio conhecimento inabalável de que Deus e Jesus Cristo vivem e que Eles nos amam e desejam o melhor para nós. Não poderemos saber essas coisas a menos que tenhamos um testemunho de Sua divindade.

Quinto: O estudo diário das escrituras é um dos meios mais eficazes de se obter e fortalecer nosso testemunho do evangelho. Vocês podem ainda não estar convencidos, mas as respostas de todos os problemas que enfrentamos diariamente já nos foram dadas nas escrituras. As respostas virão por meio de exemplos diretos de como resolver um problema ou por meio da inspiração e orientação que recebemos durante o estudo regular das escrituras. Incentivo-os a fazerem um teste pessoal com esses princípios em sua vida. Se vocês desenvolverem, enquanto jovens, o hábito de ler diariamente as escrituras, colherão bênçãos de crescente sabedoria, compreensão, espiritualidade e compaixão a vida inteira e as bênçãos de uma vida plena de realizações.

ESTAR À ALTURA DO CHAMADO

Meus jovens irmãos, nós os amamos. Juntamente com seus pais, líderes do sacerdócio, professores e aqueles em quem vocês confiam, quero dizer-lhes que desejo as melhores e mais altas recompensas para vocês. Nosso prêmio será voltar a viver com nossa família, na presença de Deus e Jesus Cristo, com quem viveremos para sempre. Que Deus os abençoe e fortaleça e os coloque à altura dos desafios que estão a sua frente. □

ADOLESCENTE DE NAUVOO: HENRY SANDERSON



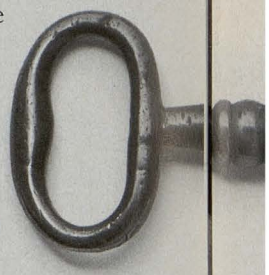
William G. Hartley



Com treze anos, o jovem Henry Sanderson não tinha certeza se estava viajando de trem ou num barco com rodas, em seu trajeto de Connecticut para Nauvoo, Illinois.

Isso ocorreu em setembro de 1842, mês em que as florestas da Pensilvânia estavam ficando douradas e avermelhadas por causa do outono. Henry embarcou num trem com seus pais e duas irmãs com o objetivo de atravessar as montanhas Allegheny. O trem tinha uma locomotiva a vapor como todos os outros; no entanto, os vagões de passageiros eram o que se poderia chamar de barcos com rodas de trem. Perto do topo da montanha, alguns empregados da estrada de ferro desengataram a locomotiva a vapor e conectaram um cabo aos vagões. Um motor no topo da montanha enrolou o cabo e puxou os vagões. Lá do topo, os homens soltaram os vagões para que descessem pela encosta, chegando até o outro lado das montanhas. Então, para completar a aventura de Henry no trem-barco, os empregados da ferrovia removeram as rodas e colocaram os vagões em forma de barco num canal. Alguns cavalos, usando o caminho que margeava o canal, puxaram o vagão em forma de barco até Pittsburgh, no Estado da Pensilvânia.

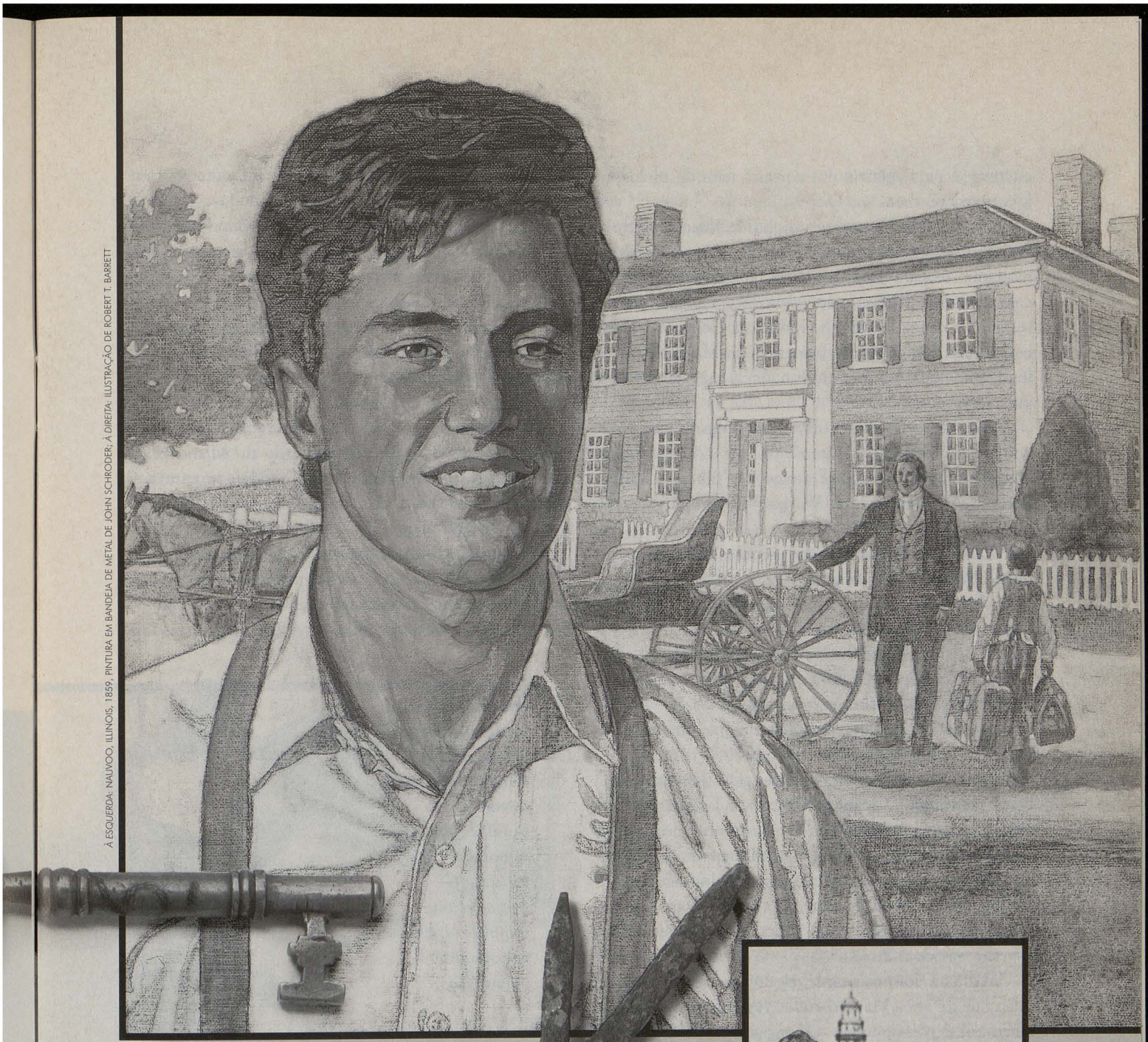
Henry sabia que sua permanência em Pittsburgh seria curta, durando apenas um verão. Seus pais, James e Mary Jane Sanderson, filiaram-se à Igreja de Jesus Cristo dos Santos dos Últimos Dias alguns meses antes disso e decidiram mudar para Nauvoo. Henry ficou contente com a mudança, porque alguns meninos da vizinhança onde moravam em Norwalk, no Estado de Connecticut, zombaram dele depois que seus pais foram batizados. Em Pittsburgh, Henry ajudou seu pai no trabalho como sapateiro, um ofício que Henry aprendeu com ele.

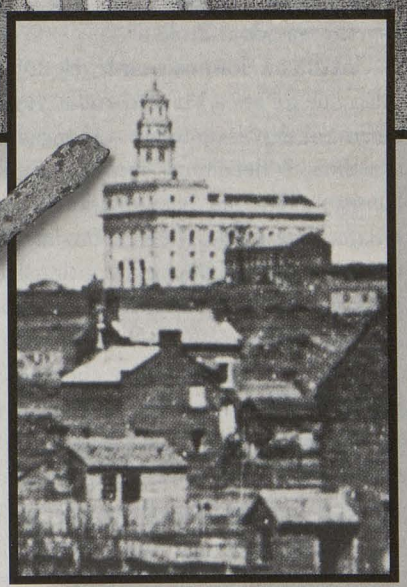


Com o passar do tempo, quase no fim da primavera, a família Sanderson tomou um barco a vapor e viajou pelo rio Ohio até o rio Mississipi. Chegaram a Nauvoo no verão de 1843 quando Henry tinha quatorze anos, ao passo que Nauvoo tinha completado apenas quatro. Quando Henry chegou, Nauvoo tinha muitas construções novas. A maioria era pequena e feita de madeira, sendo que as construções mais altas feitas de tijolos eram em número bem menor. Na área oeste da cidade encontrava-se uma grande curva do rio Mississipi.

Logo depois da chegada de sua família, Henry subiu até as partes altas de Nauvoo para ver a obra de construção do templo. Ele andou em torno das paredes de 60 cm de altura que os trabalhadores estavam levantando. Inspecionou o depósito de tijolos, sendo que o andar superior servia como sede da Igreja. Na Rua Principal, ele

À ESQUERDA: NAUVOO, ILLINOIS, 1859, PINTURA EM BANDEJA DE METAL DE JOHN SCHRODER; *À DIREITA:* ILUSTRAÇÃO DE ROBERT T. BARRETT





O Jovem Henry Sanderson era vizinho de Joseph Smith em Nauvoo, Illinois e brincava com os filhos do Profeta. Em um de cada dez dias, ele e seu pai pagavam o dízimo trabalhando no templo de Nauvoo.

encontrou uma agência dos correios feita de tijolos e a loja Merryweather.

A família Sanderson era vizinha de Joseph Smith na Rua Principal, a duas quadras do rio. Os pais de Henry mudaram-se para uma casa feita de troncos próxima à casa de Sidney Rigdon, que ficava entre a deles e a nova residência da família Smith, a Mansão. Henry viu os trabalhadores fazerem os acabamentos na Mansão, que foi inaugurada pela família Smith naquele mês de setembro para servir como hotel.

Henry brincava com os filhos do Profeta. O mais velho era Joseph Smith III, três anos mais novo do que Henry. Henry tornou-se o melhor amigo dos filhos de Sidney Rigdon, Algernon e John W., que tinham aproximadamente sua idade.

Em Nauvoo, os homens e os meninos pagavam o dízimo trabalhando em projetos de construção um dia de cada dez. "Meu pai e eu íamos regularmente, um dia de cada dez, trabalhar no templo", disse Henry, "às vezes na pedreira e outras vezes no terreno do templo."

Henry conhecia o Profeta e gostava dele. "Costumava freqüentar sua casa e brincar com seus filhos. Às vezes ele brincava conosco e havia ocasiões em que, quando jogávamos bola, o Profeta jogava conosco."

Henry, com quinze anos, presenciou quando Joseph Smith partiu para Carthage. Henry viu Joseph apertar a mão e trocar a bengala com um estranho, antes de ir embora cavalgando. Aquela foi a última vez que Henry viu o Profeta vivo. Henry ficou sabendo do trágico acontecimento na cadeia de Carthage, "quando um mensageiro passou em frente de nossa casa gritando que haviam matado o Profeta".

Um dia ou dois mais tarde, Henry estava entre a multidão que foi até a Mansão onde "vi os corpos de [Joseph e Hyrum] depois de terem sido trazidos de Carthage". Os assassinatos deixaram "meu pai muito abalado", disse Henry, "e por um bom tempo não imaginava quais seriam os resultados, mas ele finalmente teve a convicção de que a Igreja iria continuar a progredir e que os Doze Apóstolos assumiriam a liderança".

Como precisassem de dinheiro, Henry e seu pai desceram o rio Mississipi até chegar a St. Louis, no Estado de Missouri, onde procurariam trabalho. Seu pai arranjou emprego na sapataria de George Betts, que empregava 25 homens. Quanto a Henry, conseguiu um emprego numa pequena loja pertencente a três santos dos últimos dias que eram sapateiros. Sua mãe e irmãs mudaram-se para St. Louis na primavera.

Os bons amigos que Henry deixou em Nauvoo, Algernon e John Rigdon, visitaram-no em sua nova casa. O pai deles, que havia sido conselheiro de Joseph Smith, decidiu deixar a Igreja e estava mudando-se para Pittsburgh. Na "última conversa que tive com eles enquanto nos despedíamos", disse Henry, "os rapazes declararam que voltariam para a Igreja (. . .) Sabendo que eles eram (. . .) sinceros, esperei alguns anos para ver se recebia notícias deles, mas não ouvi mais nada sobre eles". (John Rigdon voltou para a Igreja em 1904, um pouco antes de sua morte.)

O Sr. Betts mandou o pai de Henry trabalhar numa fazenda que havia sido inundada pelo rio Mississipi no ano anterior. A família Sanderson mudou-se para lá e moravam numa "casa de troncos muito boa". Eles aravam a terra, plantavam e a fazenda prosperou. Entretanto, com o calor do verão, a família acabou contraindo alguma doença proveniente do rio (provavelmente malária). A doença foi mais severa com o pai de Henry que, conseqüentemente, veio a falecer no dia



Henry aprendeu a fazer calçados a fim de ajudar a família. Mais tarde alistou-se no Batalhão Mórmon, quando o Presidente Brigham Young (embaixo à direita) solicitou 500 voluntários.

16 de setembro de 1845, com 41 anos de idade.

Henry, na ocasião com 16 anos, retornou com a mãe e a caçula de 4 anos, Mary Jane, para Nauvoo. Uma irmã mais velha, Maria, ficou por lá trabalhando para a família Betts.

Henry estava enfraquecido por causa da doença, mas retornou a St. Louis a fim de buscar sua irmã. Conseguiu a passagem de ida e volta em troca de trabalho nos barcos. Na viagem de ida, foi o foguista-assistente e era responsável pelo carregamento de madeira para as caldeiras e da carga e descarga de mercadorias.

Na viagem de volta para Nauvoo, Henry trabalhou como auxiliar de cozinheiro e "tinha que lavar os pratos usados nas cabines. Os camareiros traziam os pratos para mim na cozinha". Ele gostava do trabalho porque podia comer as sobras de comida, que eram melhores do que sua comida normal. Alguns pratos de comida vinham para ele sem ter sido "tocados", de modo que, em vez de jogar a comida fora, deixava que os camareiros comessem-na.

Henry, que era grande para sua idade, entrou para a Legião de Nauvoo. "Alistou-se na companhia do Capitão Black" quando algumas pessoas que moravam na região começavam a hostilizar os mórmons em Nauvoo e das redondezas. Uns oficiais deram uma arma ao jovem Henry. "Às vezes ele ficava patrulhando toda a noite e isso era algo que gostava de fazer, mesmo quando havia a possibilidade de um ataque pela turba."

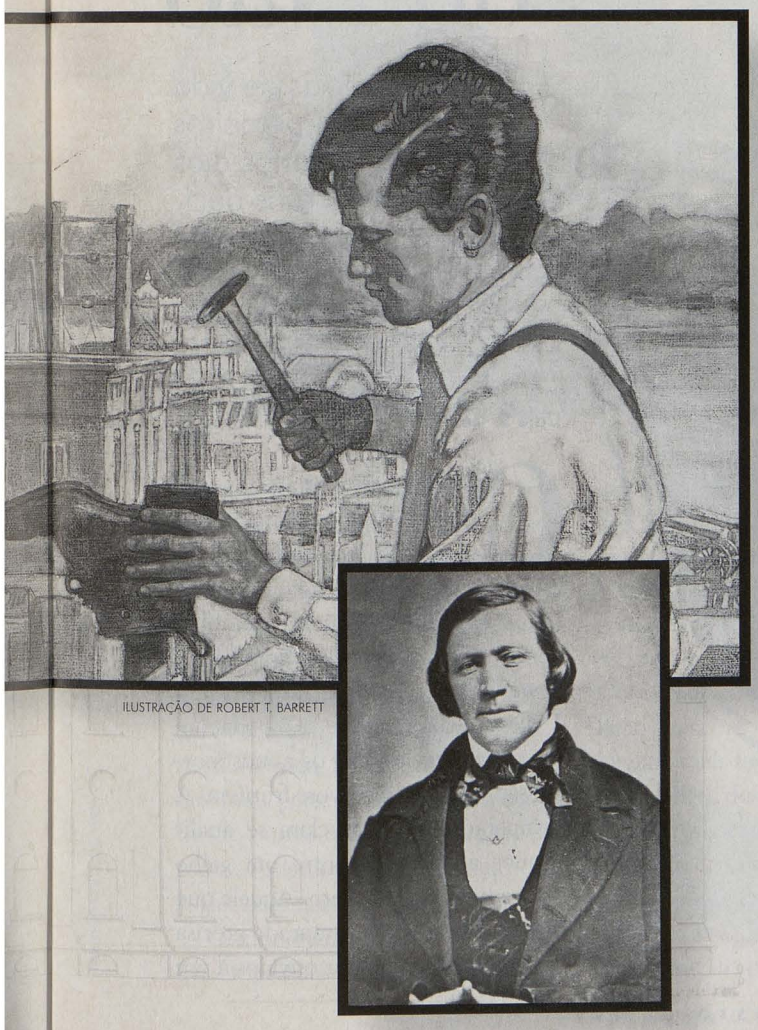


ILUSTRAÇÃO DE ROBERT T. BARRETT

No início de 1846, quando Henry tinha 17 anos, os santos tiveram que sair de Nauvoo. Jonathan C. Wright contratou Henry para ajudá-lo em diversos serviços, bem como ficar responsável pela condução de um carroção puxado por bois que participaria da migração até Iowa. Henry gostava do novo trabalho, exceto da restrição feita pelo irmão Wright: Henry poderia conduzir seus cavalos, mas nunca montá-los ou correr neles.

Um recrutador do Exército dos Estados Unidos chegou enquanto Henry estava acampado com a família Wright em Council Bluffs, Iowa. "Dissera a meus companheiros que ele não conseguiria recrutar nem sequer um homem", disse Henry. No entanto, o Presidente Brigham Young fez uma reunião solicitando que 500 homens se alistassem no Batalhão Mórmon que participaria da Guerra do México. Tal reunião ocorreu num lugar em que uma estrutura provisória, sem paredes, feita com estacas de madeira e coberta por arbustos e galhos, servia para reunir os santos. Primeiramente foi usada em Winter Quarters e, mais tarde, em Salt Lake City até terminarem a construção do Tabernáculo. Henry sentiu o desejo de aceitar o chamado e alistou-se no exército. O Sr. Wright, aborrecido por perder seu ajudante, "ficou extremamente contrariado e disse que eu não poderia ir". Mas Henry foi. "Ainda não tinha 18 anos, como era exigido pelo governo, porém aparentava ser mais velho por causa de minha altura e por isso aceitaram-me sem dificuldade".

Ao chegar o verão ele já completara 18 anos, ocasião em que saiu da Califórnia depois de o Batalhão Mórmon ter cumprido o que tinha para fazer naquela área. Em seguida, rumaram para o Vale do Grande Lago Salgado, chegando lá pouco depois dos pioneiros de 1847. Ansioso para rever a família, voltou ao leste no final daquele mesmo ano com a Companhia de Brigham Young, indo para Winter Quarters.

Henry e sua família foram para o oeste três anos mais tarde, em 1850. Casou-se e morou em Utah, nas cidades de Union Fort, Fillmore e Fairview. Em sua vida adulta trabalhou como fazendeiro, professor e sapateiro. □

As informações deste artigo são tiradas da autobiografia de Henry Weeks Sanderson, Arquivos da Igreja, Salt Lake City, Utah



Dar Ouvidos ou Não

As experiências de vida de alguns dos primeiros santos dos últimos dias nos ensinam que as decisões que tomamos hoje podem afetar-nos pelo resto da vida.

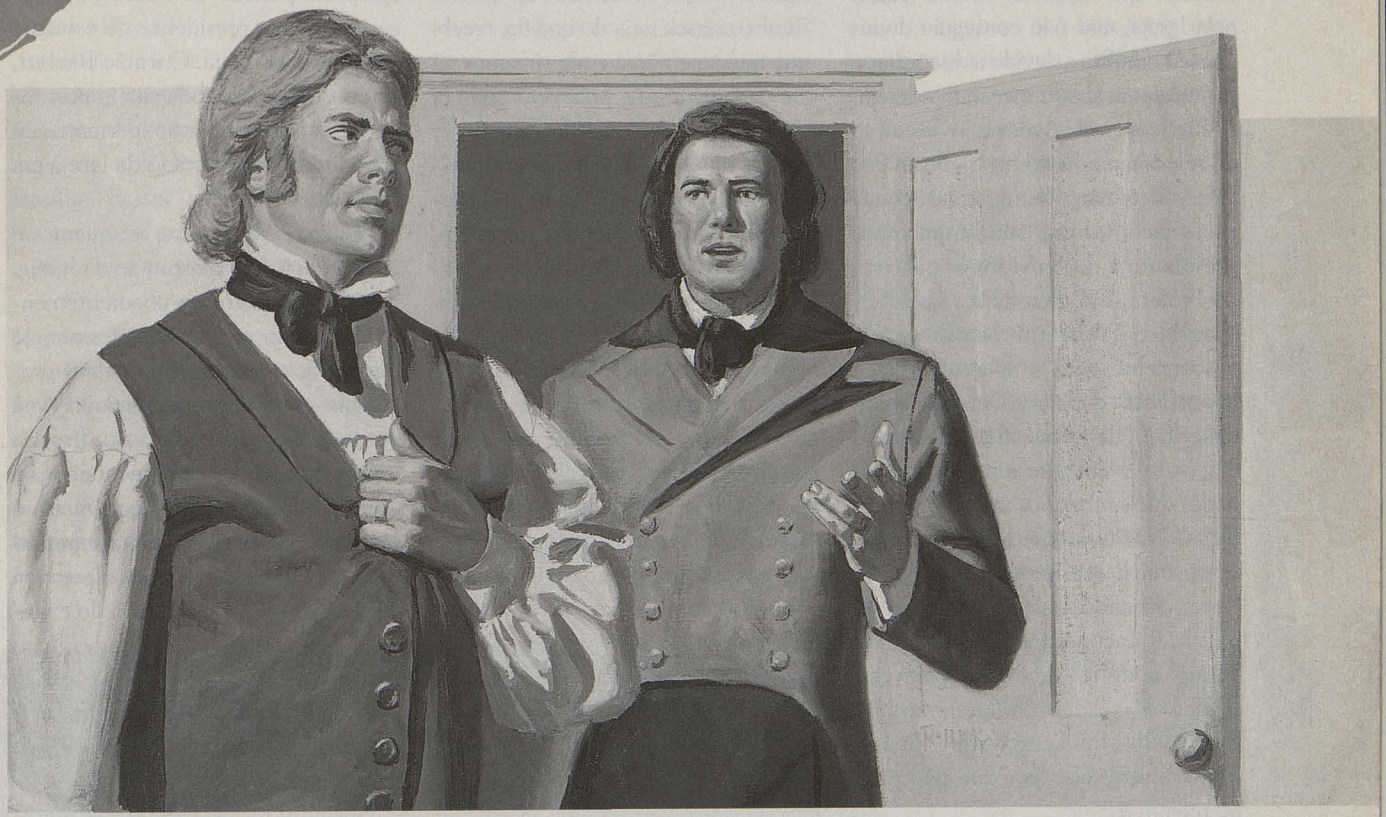
Dale S. Cox

Começando na primeira seção de Doutrina e Convênios e ressoando por todo o livro ouve-se uma voz de advertência a todos os povos: Aqueles que não derem ouvidos à voz dos Apóstolos e profetas serão desarraigados.

Essa metáfora refere-se à poda, um procedimento no qual os ramos mortos são retirados da árvore frutífera. A comparação torna-se clara se analisarmos a diferença entre um galho seco e um ramo frutífero. Aquele que recebe o evangelho restaurado precisa fazer uma escolha: Dar ouvidos à voz

ILUSTRADO POR SCOTT GREER

Como membro fiel do Quórum dos Doze Apóstolos, Brigham Young aconselhou muitas vezes o Presidente do Quórum, Thomas B. Marsh, a dar ouvidos às palavras do Profeta Joseph. Marsh, porém, não seguiu esse conselho e por isso perdeu seu lugar no reino.



ILUSTRADO POR ROBERT A. MCKAY

dos servos do Senhor ou não; fazer parte da árvore ou ser arrancado e jogado fora para definhar sozinho. Ouvindo o ressoar dessa advertência por todo o livro de Doutrina e Convênios, observamos um interessante contraste na vida de alguns santos pouco conhecidos que receberam a palavra do Senhor. Muitos deles ouviram, perseveraram e produziram frutos; outros, não, e foram desarraigados. Podemos aprender muito com as decisões que tomaram.

Comecei a interessar-me pela vida dessas pessoas quase desconhecidas quando descobri que um antepassado meu, Lyman Sherman, estava entre elas. Lyman procurou o Profeta Joseph, em 1835, pedindo instruções. Em resposta, Joseph Smith recebeu a seção 108 de Doutrina e Convênios, uma breve porém valiosa lição para os que desejam servir. Lyman, mais tarde, tornou-se um dos Presidentes dos Setenta. Ele morreu durante as perseguições no Missouri, antes de receber seu chamado ao apostolado.[1] Esse elo entre minha família e Doutrina e Convênios levou-me a pesquisar a vida de outras pessoas mencionadas no livro.

É fascinante estudar a vida das 129 pessoas mencionadas em Doutrina e Convênios, tanto do ponto de vista humano quanto pelo modo como ilustram a importância de se atender à voz dos profetas.

Por exemplo: Seis seções de Doutrina e Convênios contêm instruções dirigidas a Thomas B. Marsh, o primeiro Presidente do Quórum dos Doze Apóstolos. Marsh recebeu o mandamento de ser "um médico na igreja" (D&C 31:10) e a importante responsabilidade de liderar os Doze

ILUSTRADO POR SCOTT GREER

em sua missão de pregar a todo o mundo. Ele suportou muitas coisas pela Igreja, mas não conseguiu dominar seu orgulho e devido a discórdias e contendas acabou renegando a Igreja.

Em contraste, vemos o exemplo de seu companheiro no Quórum dos Doze, Brigham Young, que muitas vezes aconselhou seu impaciente Presidente a dar ouvidos às palavras do Profeta. Em uma dessas ocasiões, quando o Presidente Marsh estava descontente com a aparente pouca importância dada aos Doze, Brigham disse-lhe: "Se formos fiéis, chegará o dia (. . .) em que teremos todo o poder que soubermos utilizar perante Deus".[2] O Presidente Marsh recorda-se de outra ocasião em que, depois de ter criticado as decisões de Joseph Smith, foi aconselhado por Brigham Young com as seguintes palavras: "'Você é o líder da Igreja, irmão Thomas?' Eu respondi: 'Não'. 'Então', disse ele, 'por que não pára de reclamar?'"[3]

Thomas Marsh não seguiu esse conselho. Durante os ajustes e provações que se seguiram, enquanto cada tijolo do edifício do sacerdócio era colocado em seu devido lugar, Thomas decidiu parar de dar ouvidos às palavras do Senhor e perdeu seu lugar no reino. Brigham Young, pelo contrário, nunca fraquejou, vindo a tornar-se o grande edificador do reino e proclamador do evangelho que Thomas B. Marsh tão ardentemente desejara ser.

A dor e o remorso de ser expulso do reino foram bem expressos nas próprias palavras de Thomas, quando pediu para ser reintegrado na Igreja, muitos anos após sua apostasia. "Tenho consciência do que fiz; recebi uma missão e não a cumpri; agora sei que é muito tarde, pois vejo que ela foi cumprida por outra pessoa. O Senhor não teve problemas em prosseguir Sua obra sem mim e nada perdeu por causa de minha apostasia, mas, oh, quanto eu perdi!"[4]

Thomas B. Marsh recuperou sua condição de membro da Igreja, mas não as oportunidades perdidas.

Existem outras histórias de pessoas que, por causa do orgulho, decidiram afastar-se da Igreja em vez de perseverar. Simonds Ryder, mencionado na seção 52, filiou-se à Igreja logo após sua organização. Pouco tempo depois, apostatou e chegou a liderar a turba que arrastou Joseph Smith e Sidney Rigdon para fora de suas casas, no meio do inverno, a fim de espancá-los brutalmente e cobri-los de piche.[5] Sua justificativa para sair da Igreja foi o fato de seu nome ter sido escrito de modo errado em documentos da Igreja. Ryder questionou a autenticidade de documentos inspirados que apresentavam erros tipográficos.[6]

Joseph Wakefield, mencionado nas seções 50 e 52, encontrou desculpa semelhante para decidir não seguir mais o Profeta. Ele viu Joseph Smith brincando com algumas crianças logo após trabalhar na tradução da Bíblia e concluiu que aquele não era um comportamento digno de um profeta.[7] Da mesma forma que Ryder, Wakefield foi desarraigado, e seu nome caiu no esquecimento.

Almon Babbitt, mencionado na seção 124, foi um importante líder da Igreja no período de Nauvoo, tendo servido como presidente de estaca e advogado da Igreja. O irmão Babbitt, porém, apesar de toda sua importância e capacidade, não permaneceu firme, tendo-se afastado da Igreja em muitas ocasiões.[8]

William W. Phelps, a quem foi dada a seção 55, afastou-se da Igreja, mas depois retornou e obedientemente contribuiu para o crescimento do reino. Por ter tomado parte nos problemas ocorridos em Missouri que quase custaram a vida do Profeta Joseph Smith, a tocante reconciliação do irmão Phelps com Joseph Smith é um exemplo do poder do arrependimento e do perdão e uma esperança para todos os que se afastam do caminho. O arrependido William pediu ao Profeta que o perdoasse e o reintegrasse ao convívio dos santos. Joseph atendeu aos dois pedidos com sinceridade e benevolência.[9]

No entanto, tão numerosas quanto as histórias dos que abandonaram a causa são as histórias de muitos heróis desconhecidos que perseveraram. Apesar de não ter seu nome mencionado em Doutrina e Convênios, Polly Knight, a mãe da família que tão fielmente apoiou o Profeta, entrou para a história da Igreja como a primeira dentre os santos dos últimos dias a ser enterrada em Missouri. Quando estava de mudança para Missouri, ela ficou tão doente que seu filho, Newel, desceu do barco em que viajavam a fim de comprar madeira para construir seu caixão. Apesar de sua enfermidade,

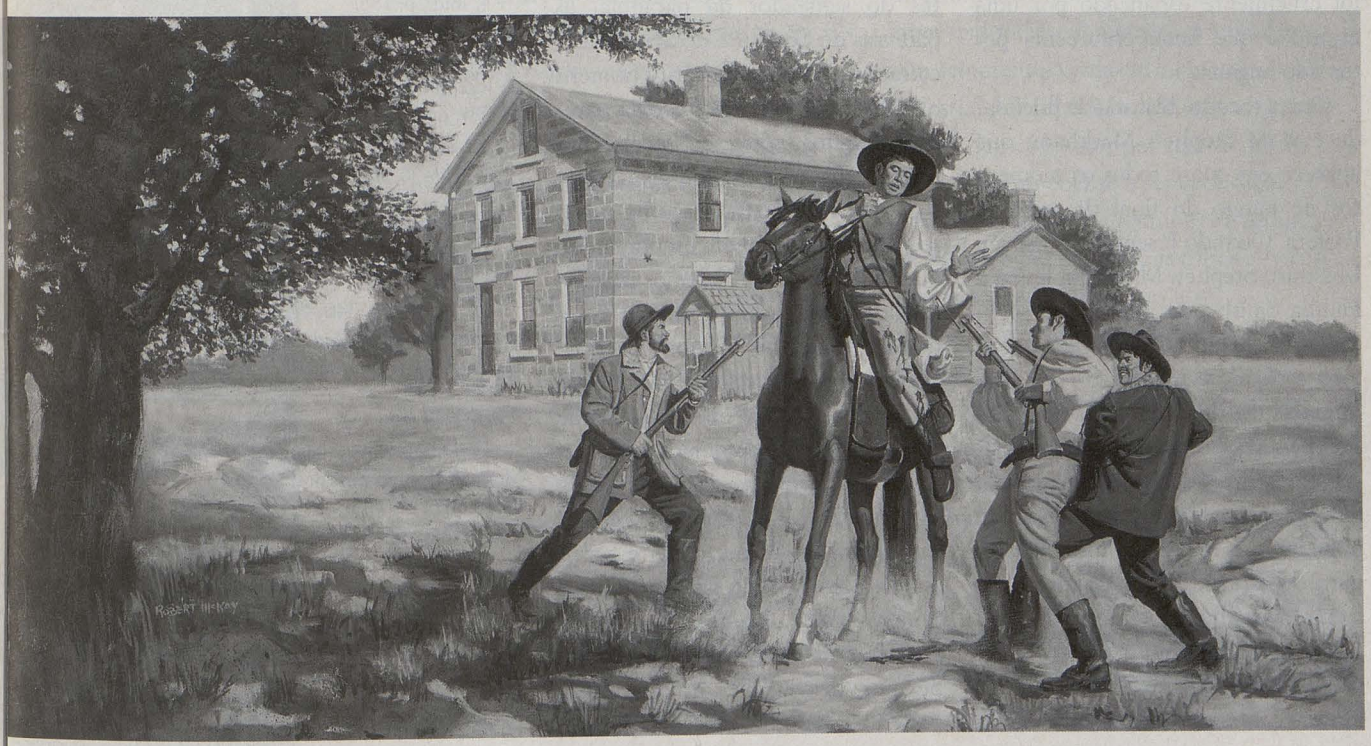
ela insistiu em completar a jornada e morreu pouco depois de terem chegado a Missouri.

Depois de enterrar sua esposa em Missouri, Joseph Knight registrou o seguinte: "Ela foi enterrada no bosque, em um local escolhido pela família. Passei pela sua sepultura poucos dias mais tarde e descobri que os porcos estavam começando a escavar o local. Eu estava muito doente, mas peguei meu machado, no dia seguinte, e construí uma pequena cerca ao redor da sepultura. Foi a última coisa que fiz por ela".[10] O fiel sacrifício de Polly foi reconhecido pelo Senhor. Pouco depois de sua morte, o Senhor disse a Joseph Smith: "Os que morrerem descansarão de todos os seus trabalhos, e as suas obras os seguirão; e nas mansões de meu Pai, as quais lhes preparei, receberão uma coroa". (D&C 59:2)

Stephen Markham tentou chegar à cadeia de Carthage, onde Joseph Smith estava preso, mas foi repelido pelos guardas que participavam da conspiração. Os guardas feriram-no de tal modo com suas baionetas que as botas de Stephen ficaram cheias de sangue.

Outros também se destacaram por sua fidelidade, apesar de serem pouco conhecidos. John Murdock, a quem foi dada a seção 99, recebeu o mandamento de "proclamar o [meu] evangelho eterno (. . .) E depois de alguns anos, se o desejares de mim, poderás também ir à boa terra, para possuir a tua herança". (D&C 99:1, 7) Ele serviu seis missões para a Igreja. A grandiosidade de seu sacrifício é evidenciada pelo fato de ter perdido uma esposa em cada um dos primeiros locais de reunião dos santos: Kirtland, Ohio, Missouri e Illinois.[11] John Murdock e suas esposas deixaram-nos um legado de fé e perseverança.

O irmão mais novo do Profeta, Samuel, mencionado em oito seções de Doutrina e Convênios, tornou-se o terceiro mártir de Carthage ao morrer um mês depois do martírio de Joseph e Hyrum. Sua morte, em



parte, foi resultado de complicações físicas causadas por sua tentativa de resgatar os irmãos, tendo corajosamente cavalgado até Carthage perseguido por uma turba. Tendo chegado muito tarde para ajudá-los, Samuel acompanhou o transporte dos corpos de volta a Nauvoo, unindo-se a eles na morte pouco tempo depois.[12]

Na história de Doutrina e Convênios, existem outros heróis desconhecidos que atenderam à voz do Profeta do Senhor. Dimmick Huntington, de modo fiel e muitas vezes doloroso, ajudou o Profeta com trabalho braçal, vindo a merecer a mais profunda gratidão de Joseph.[13] Em certa ocasião, o pai de Dimmick, William, deitou-se na cama do Profeta, fazendo-se passar por ele, e foi cruelmente espancado por uma multidão que ficou enfurecida por ter sido enganada.[14]

Outra tocante história de fidelidade é a de Stephen Markham, que aparece em quase todos os momentos de perigo do final da vida do Profeta. Quando Joseph foi preso em Missouri, Stephen Markham levou a família Smith para Illinois em segurança.[15] Quando Joseph foi ilegalmente detido e maltratado por dois oficiais da lei de Missouri, foi Stephen Markham quem os confrontou e os repreendeu para que agissem de modo mais humano, conseguindo impedir que o Profeta fosse levado para Missouri.[16] Em Carthage, o irmão Markham ofereceu-se para trocar de roupa com o Profeta a fim de ajudá-lo a escapar.[17] No dia do martírio, o irmão Markham estava retornando à cadeia com remédios para Willard Richards, quando foi abordado e atacado pelos guardas envolvidos na conspiração, que o expulsaram à ponta da baioneta, impedindo-o de voltar para junto do Profeta. Ao ser atacado em seu cavalo, foi ferido tantas vezes pelas baionetas que sua bota chegou a encher-se de sangue.[18] A última anotação do diário de Joseph Smith registra a seguinte profecia feita a Stephen Markham: "Se eu e Hyrum formos presos novamente, seremos massacrados".[19] O carinho que o irmão Markham tinha pelo Profeta é demonstrado por seus valentes esforços em evitar que essa profecia se cumprisse.

Da mesma forma que as sementes do semeador da parábola, as palavras do Senhor e de Seu profeta caíram no coração de vários homens e mulheres. Como os solos da parábola, alguns corações receberam-nas, outros, não. A vida dessas pessoas de nossa história ensina-nos o seguinte: Nós também escolhemos a quem dar ouvidos. Podemos imitar a fidelidade de John Murdock ou a instabilidade de Almon Babbitt. Podemos ter a paciente humildade de Brigham Young ou o orgulho de Thomas Marsh. Podemos ofender-nos com pequenas coisas, como Simonds Ryder e Joseph Wakefield, ou erguer-nos acima delas e servir com lealdade, como fizeram Samuel Smith, Polly Knight, a família Huntington e Stephen Markham. Se nos desviarmos do caminho, podemos decidir nos arrepender, como fez William Phelps.

Se dermos ouvidos e obedecermos, continuaremos a dar frutos, da mesma forma que os santos fiéis do passado. Caso contrário, seremos cortados e definharemos sem nossas raízes. Precisamos escolher. Muitas coisas dependem dessa nossa escolha, pois temos a oportunidade de fazer parte da árvore frutífera que é o reino de Deus. □

NOTAS

1. Lyndon W. Cook, *The Revelations of the Prophet Joseph Smith* (As Revelações do Profeta Joseph Smith) (1985), p. 217.
2. Ronald K. Esplin, "Thomas B. Marsh As President of the First Quorum of the Twelve 1835–1838", em *Hearken, O Ye People* (Dai Ouvidos, Ó Povo) (1984), p. 173.
3. Ibid., p. 184.
4. Ibid., p. 185.
5. Lucy Mack Smith, *History of Joseph Smith by His Mother* (A História de Joseph Smith Escrita por Sua Mãe) (1958), pp. 219–20.
6. Cook, p. 81.
7. Ibid., p. 69.
8. Ibid., p. 252.
9. *History of the Church*, 4:162–64.
10. Cook, pp. 93–94.
11. Ibid., p. 80.
12. Smith, pp. 340–41.
13. Truman G. Madsen, *Joseph Smith the Prophet* (Joseph Smith, o Profeta) (1989), p. 40.
14. Ibid.
15. Donna Hill, *Joseph Smith; The First Mormon* (Joseph Smith: o Primeiro Mórmon) (1977), p. 251.
16. Ibid,. pp. 325–28.
17. Madsen, p. 121.
18. Ted Gibbons, *I Witnessed the Carthage Massacre* (Testemunhei o Massacre de Carthage), (1981), p. 41.
19. John Henry Evans, *Joseph Smith: An American Prophet* (Joseph Smith, um Profeta Americano) (1989), p. 198.

"A TUA FÉ TE SALVOU"



"A alguns é dado ter fé para serem curados; (. . .) a alguns é dada a operação de milagres." (D&C 46:19–21)

Certo dia, quando Jesus andava em meio a uma multidão, voltou-se de repente e perguntou: "Quem é que me tocou?" Os discípulos ficaram confusos com a pergunta. Qualquer pessoa na multidão poderia ter esbarrado Nele. Jesus, então, disse: "Alguém me tocou, porque bem conheci que de mim saiu virtude [poder].

O gesto foi, na verdade, um ato de fé. Uma mulher com um "fluxo de sangue" tocara Suas vestes, acreditando que assim ficaria curada. E foi. Quando Jesus a viu, disse: "Tem bom ânimo, filha, a tua fé te salvou (. . .)". (Lucas 8:43–48; ver Mateus 9:20–22)

Esse mesmo dom de cura, pela fé em Jesus Cristo e de acordo com a vontade do Pai Celestial, está a nosso alcance hoje ao lutarmos com as aflições do corpo, da mente e do espírito.

CONFIAR NO SENHOR

Tiago instruiu os doentes a "[chamar] os presbíteros da igreja" para ungi-los com azeite em nome do Senhor: "E a oração da fé salvará o doente (. . .)". (Tiago 5:14–15) Os que recebem a bênção unem sua fé àquela de pessoas queridas e à fé dos portadores do sacerdócio que estão realizando a ordenança. O Senhor promete que "(. . .) aquele que tiver fé [Nele] para ser curado e não estiver designado para morrer, será curado". (D&C 42:48)

A fé no Senhor Jesus Cristo inclui confiar Nele completamente. Uma jovem irmã que lutava contra o câncer expressou sua fé ao Élder M. Russell Ballard, do Quórum dos Doze, da seguinte forma: "Não tenho medo de morrer. Gostaria de viver. Há coisas que eu ainda gostaria de realizar nesta vida, mas sei que Jesus é meu Salvador. Nos últimos anos, Ele tornou-se meu melhor amigo. Confio Nele (. . .). Estou preparada para o que Ele quiser para mim, seja o que for".

O Élder Ballard deu-lhe uma bênção, mas deixou o assunto com o Pai Celestial, como ela pedira. A jovem irmã morreu pouco depois, "e a paz do Senhor estava com ela e sua família fiel". (A *Liahona*, julho de 1996, p. 85)

APRENDER COM A ADVERSIDADE

Às vezes, os santos fiéis compreendem que talvez o maior de todos os milagres de cura ocorra em seu coração ao passarem pela adversidade e aprenderem com ela. Por exemplo: o Presidente Spencer W. Kimball enfrentou corajosa e pacientemente suas aflições. Enquanto servia como Apóstolo, a maior parte de suas cordas vocais teve de ser removida por causa de câncer. Contudo, ele ainda serviu por muitos anos como porta-voz e profeta do Senhor, erguendo a voz num testemunho que foi ouvido no mundo inteiro.

"Se nossa fé estiver ancorada firmemente em nosso testemunho de Cristo", disse o Élder Ballard, "conseguiremos enfrentar qualquer adversidade que surja em nosso caminho, e o faremos de maneira positiva, desenvolvendo ainda mais fé. Se mantivermos os olhos da fé voltados para Cristo, teremos uma visão mais ampla e uma perspectiva eterna, e com isso poderemos entender a adversidade dentro do contexto do plano eterno do Pai Celestial para Seus filhos. Encontraremos consolo nesta vida na segurança, paz e alegria eternas que Ele promete." (*Ensign*, dezembro de 1996, p. 61.) □

- *Como podemos obter paz e aceitar a vontade do Senhor para nós na adversidade?*
- *Como podemos exercer fé em benefício da cura de nossos familiares, vizinhos e amigos?* □

ILUSTRADO POR HEIDI DARLEY

RETORNO AO REBANHO

Nome omitido a pedido
ILUSTRADO POR DOUG FAKKEL

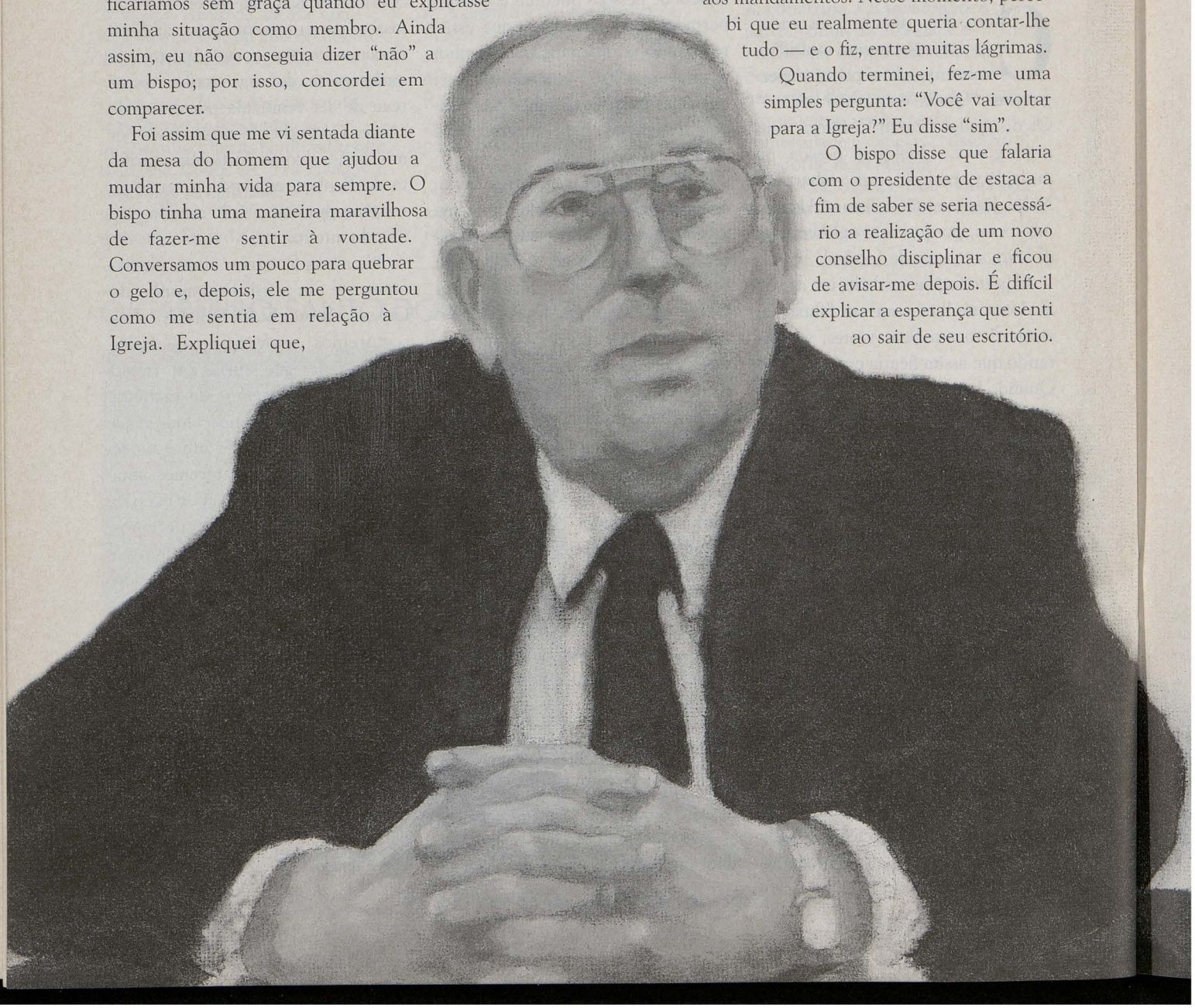
Um dia o secretário da ala telefonou-me e perguntou: "Você poderia vir falar com o bispo na terça à noite?" Soube por um vizinho que havia um bispo novo na ala, mas a novidade não significou muito para mim, pois eu havia sido desassociada anos antes e não voltara à Igreja. Presumi que o novo bispo queria chamar-me para um cargo e imaginei o quanto nós dois ficaríamos sem graça quando eu explicasse minha situação como membro. Ainda assim, eu não conseguia dizer "não" a um bispo; por isso, concordei em comparecer.

Foi assim que me vi sentada diante da mesa do homem que ajudou a mudar minha vida para sempre. O bispo tinha uma maneira maravilhosa de fazer-me sentir à vontade. Conversamos um pouco para quebrar o gelo e, depois, ele me perguntou como me sentia em relação à Igreja. Expliquei que, embora não tivesse nenhuma mágoa, eu havia sido desassociada vários anos antes e disseram-me que, se repetisse minhas transgressões, provavelmente seria excomungada. Como não consegui arrepender-me, para mim, eu já estava excomungada.

O bispo perguntou-me se eu gostaria de conversar com ele sobre minha situação atual com respeito aos mandamentos. Nesse momento, percebi que eu realmente queria contar-lhe tudo — e o fiz, entre muitas lágrimas.

Quando terminei, fez-me uma simples pergunta: "Você vai voltar para a Igreja?" Eu disse "sim".

O bispo disse que falaria com o presidente de estaca a fim de saber se seria necessário a realização de um novo conselho disciplinar e ficou de avisar-me depois. É difícil explicar a esperança que senti ao sair de seu escritório.





Meses mais tarde, uma escritura do Livro de Mórmon ajudou-me a entender o que mudara em minha vida naquela noite: "E se não tendes esperança, deveis estar em desespero; e o desespero vem por causa da iniqüidade". (Morôni 10:22) Saí do escritório do bispo cheia de esperança de que eu poderia me arrepender, poderia tornar-me uma filha digna do Pai Celestial e voltar a viver com Ele algum dia.

Quando cheguei em casa, após falar com o bispo, disse a meu marido, que não era membro, que eu estava voltando para a Igreja. Ele disse que achava ótimo. A notícia fez minha filha mais velha, na época com onze anos, vibrar de alegria, pois ela sempre ia à Igreja sozinha ou com os avós. Quando telefonei a meus pais e contei-lhes que havia conversado com o bispo e estava voltando para a Igreja, eles choraram. Percebi que haviam ansiado um longo tempo por esse dia.

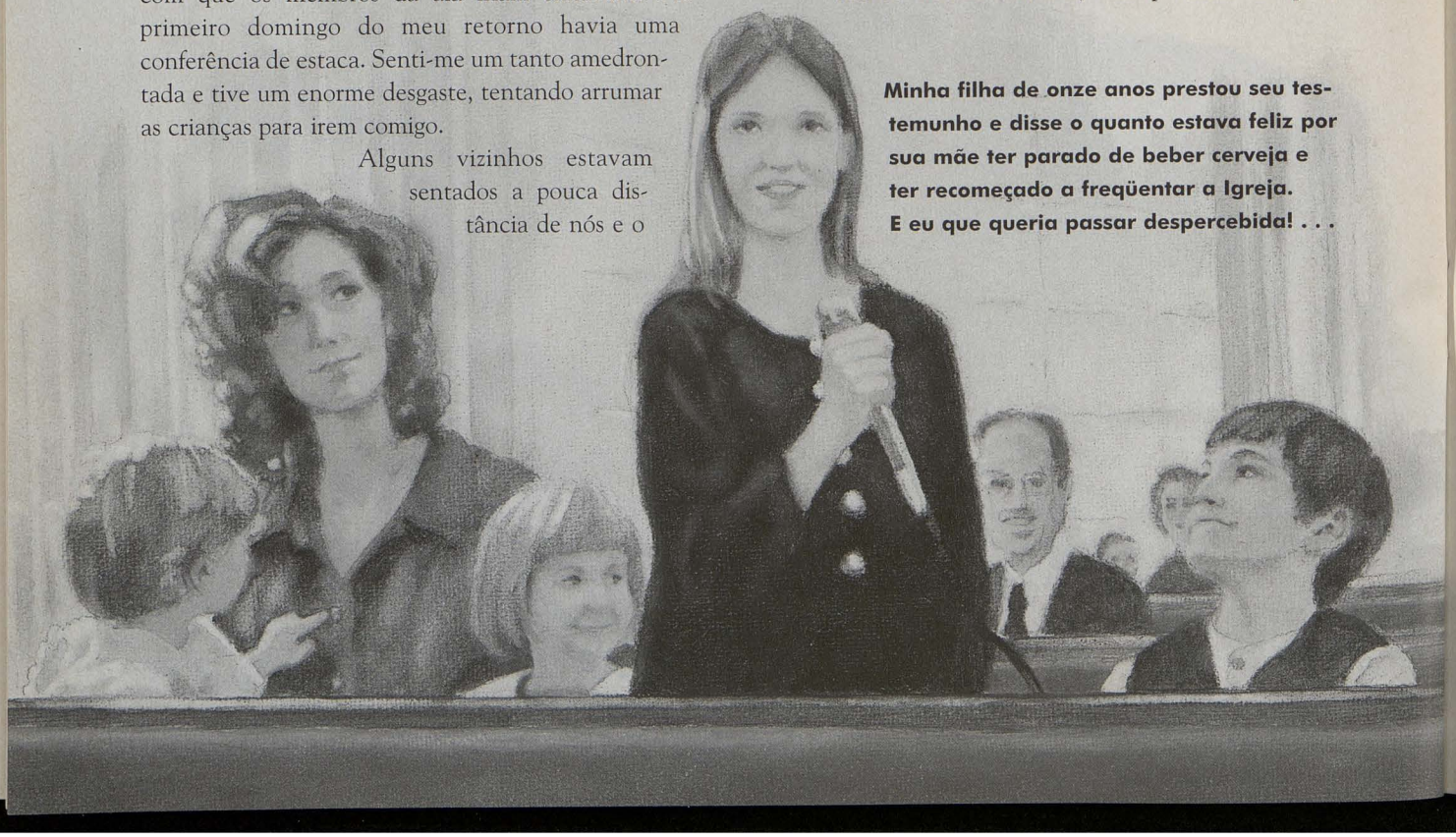
O RETORNO À IGREJA

Uma de minhas maiores preocupações quanto a minha volta à Igreja era em relação à maneira com que os membros da ala iriam tratar-me. No primeiro domingo do meu retorno havia uma conferência de estaca. Senti-me um tanto amedrontada e tive um enorme desgaste, tentando arrumar as crianças para irem comigo.

Alguns vizinhos estavam sentados a pouca distância de nós e o fato de ver alguns rostos familiares deixou-me mais tranqüila. O hino de abertura foi "Eu Sei que Vive Meu Senhor" (*Hinos*, nº 70) Ao acompanhar a letra, comecei a chorar e não consegui parar mais durante os discursos inspirados e os demais hinos.

Próximo ao final da reunião, uma irmã mandou-me um bilhete. Ao baixar a cabeça para lê-lo, percebi que meu filho de dois anos havia desabotoado meu vestido. Abotoei os botões rapidamente e pensei: "Essa não! Será que mais alguém notou?" Mas quando li o bilhete, tudo o que dizia era que a irmã estava impressionada com meus filhos e achava que eles deviam ter bons pais para serem tão bem comportados. O bilhete deu-me a certeza de estar no lugar certo e de tanto eu como meus filhos sermos aceitos. Nunca descobri que irmã mandara o bilhete, mas nunca me esqueci de seu gesto simples e bondoso.

O domingo seguinte era domingo de jejum. Tinha esperança de entrar discretamente, mas quando chegamos, pareceu-me que todos nos cumprimentaram com um sorriso e uma palavra amável. Muitos deram-me as boas-vindas, perguntando se eu era membro novo. Entretanto, quando passei adiante a bandeja do sacramento silenciosamente, sem partilhar do pão,



Minha filha de onze anos prestou seu testemunho e disse o quanto estava feliz por sua mãe ter parado de beber cerveja e ter recomeçado a freqüentar a Igreja. E eu que queria passar despercebida! . . .

meu filho de três anos perguntou em voz alta: "Mãe, você não está com fome?" Em seguida, minha filha de onze anos levantou-se para prestar seu testemunho e disse o quanto estava feliz por sua mãe ter parado de beber cerveja e ter recomeçado a freqüentar a Igreja. E eu que queria passar despercebida! . . .

Mais tarde, o bispo veio falar comigo e disse que haveria um novo conselho disciplinar. Fiquei nervosa e senti um pouco de medo, mas sabia que valeria a pena. Desde que conversara com o bispo pela primeira vez, sentia-me alegre como nunca. Minha percepção das coisas começara a mudar e percebi que estava amando muito mais a vida, minha família e meus amigos. Passei alguns dias difíceis pensando em como poderia passar o resto da vida sem beber cerveja, mas, na maioria das vezes, senti crescer uma esperança dentro de mim.

Parte de meu nervosismo era devido ao fato de que o filho de um dos conselheiros do bispo era amigo do meu filho e temi que, após ouvir sobre meu passado pecador, ele não quisesse mais deixar seu filho brincar em minha casa. Decidi que se ele achasse isso, eu respeitaria seu desejo. Nenhum obstáculo obstruiria o caminho daquilo que se tornara a coisa mais importante em minha vida: voltar à perfeita irmandade na Igreja.

Pouco antes do conselho disciplinar, assisti à uma conferência geral pela primeira vez. Num dado momento, o Presidente Howard W. Hunter disse: "Para aqueles que transgrediram ou foram ofendidos, dizemos: Voltai. O caminho do arrependimento, embora difícil às vezes, sempre eleva e guia ao perdão perfeito". (*A Liahona*, janeiro de 1995, p.7.) Senti como se ele estivesse falando diretamente a mim. Pensei comigo: *Eu vou voltar. Prometo.* Sinto um amor especial pelo Presidente Hunter porque foi o primeiro profeta a quem realmente dei ouvidos.

UM CONSELHO DE AMOR

A noite do meu conselho disciplinar finalmente chegou. Ao ajoelhar-me em oração com os membros do bispado, senti a forte influência do Espírito, bem como um indescritível amor fraterno. Aqueles homens não me conheciam há muito tempo, mas eu sabia que se preocupavam comigo e me amavam. Não obstante, quando o pai do amigo do meu filho hesitou antes de falar, pensei que estivesse tentando encontrar uma maneira de me dizer que seu filho não poderia mais brincar com o meu. Em vez disso, observou: "Só gostaria que soubesse como estou impressionado com seu filho e sua família. Vocês devem ser bons pais para terem criado um menino como ele".

Ao final da reunião, o bispo disse: "Você é um membro digno de A Igreja de Jesus Cristo dos Santos dos Últimos Dias". Senti uma enorme alegria ao ouvir essas palavras.

Quando cheguei em casa, queria rir e chorar ao mesmo tempo e contar tudo a minha família, mas todos estavam dormindo. Assim, orei ao Pai Celestial, agradecendo-O por Seu amor e bondade, por homens honrados que são juízes justos, por minha família e meus amigos que me ajudaram ao longo do caminho e por todas as bênçãos que recebi na vida.

No meio da noite, meu marido e eu acordamos e sentimos a presença de um espírito maligno em nossa casa. Com a mesma certeza com que sentira o Espírito Santo no escritório do bispo, eu agora sentia o adversário. Deitada em minha cama, percebi que havia enfurecido Satanás por voltar à Igreja. Orei de todo o coração e, com o passar do tempo, senti a presença maligna partir.

Meu marido e eu só tivemos chance de conversar sobre a experiência na noite seguinte, quando fui buscá-lo numa cidade a 48 km de casa. Durante o trajeto de volta, ele perguntou: "O que aconteceu à noite passada?"

Como meu marido acreditava que quando uma pessoa cometia um pecado o problema era somente entre ela e Deus e não deveria ser da conta de mais ninguém, eu lhe dissera apenas que estava indo a uma reunião da Igreja na noite anterior. Então, contei-lhe tudo o que ocorrera no escritório do bispo, o amor e consolo que senti e minha reintegração completa como membro. Prestei-lhe testemunho do sistema criado pelo Pai Celestial que proporcionava a Seus filhos a oportunidade de se arrependerem e de colocarem sua vida em ordem. Disse-lhe que achava que Satanás devia estar furioso com minhas ações e essa era a razão de termos sentido sua influência durante a noite. Disse-lhe também que eu desejaria que tivéssemos o sacerdócio em casa, mas sabia que o Pai Celestial

cuidaria de nossa família. Quando terminei, senti que deveria encerrar em nome de Jesus Cristo; e assim fiz.

Meu marido não comentou nada até entrarmos com o carro em casa. Então, disse: "Acho que você está certa".

OS FRUTOS DO ARREPENDIMENTO

Minha família e eu recebemos muitas bênçãos desde que voltei à Igreja.

Quando decidi tornar-me fiel no pagamento do dízimo, hesitei em contar a meu marido. Ele cuidava das finanças, e eu sabia que ele não gostaria de mais uma despesa, pois estávamos tentando acabar com nossas dívidas. Decidi orar e jejuar a fim de preparar-me para conversar sobre o assunto.

Quando senti que o momento chegara, aproximei-me dele pronta para fazer um discurso sobre o mandamento do dízimo e suas bênçãos. Em vez disso, quando abri a boca, comecei a dizer o quanto o amava e como o evangelho ajudara-me a ver o homem maravilhoso que ele era. Disse-lhe tudo o que me fazia ter orgulho de ser sua esposa e que mesmo se ele jamais se filiasse à Igreja, eu sempre o amaria.

É raro meu marido chorar. Por isso, quando vi lágrimas em seu rosto, sabia que ele fora tocado profundamente. Ele admitiu estar preocupado com a possibilidade de perder-me porque, com minha vida em ordem, eu não precisaria mais dele. Ele estava sentindo-se mal como marido pois achava que não me estava apoiando o suficiente.

Eu estava tão envolvida com minha própria felicidade que não percebi que meu marido estava se sentindo isolado. O Pai Celestial guiou-me para conversar sobre as coisas de que meu marido mais precisava.

Quando finalmente surgiu o momento de falar sobre o dízimo, ele concordou desde que eu descobrisse como eliminar um dos nossos gastos. Eu não sabia como iria fazê-lo, mas decidi que janeiro de 1995 marcaria o início do pagamento dos meus dízimos. No dia de Ano Novo, enquanto ajudava minha filha de quatro anos a despir-se após termos voltado da Igreja, notei, pelas várias manchinhas vermelhas na pele, que ela estava com catapora.

Como eu não poderia levá-la à casa da *baby-sitter*, pois a doença era contagiosa, telefonei a uma colega de trabalho e perguntei-lhe se poderíamos trocar de horário para que eu pudesse ficar em casa com minha filha durante o dia. Ao receber meu pagamento duas semanas mais tarde, vi que a quantia necessária para eu pagar o dízimo equivalia àquela que eu teria gasto com a *baby-sitter*. Como já era esperado, meu filho de dois anos também pegou catapora duas semanas depois e precisei novamente trocar de horário com alguém. Percebi que essa era a maneira de o Pai Celestial dizer-me que eu

Eu estava tão envolvida com minha própria felicidade que não percebi que meu marido estava se sentindo isolado.



arranjaria um meio de pagar o dízimo e, dali por diante, sempre consegui uma maneira de fazê-lo.

À certa altura de minha reativação, eu adorava ir à Igreja, mas ainda não me sentia perfeitamente à vontade lá. Eu tinha de saber se realmente possuía um testemunho do que estava fazendo. Estaria eu voltando por causa de meus filhos? Por meus pais? Porque queria sentir-me melhor em relação a mim mesma? O que significava exatamente ter um testemunho do evangelho?

Ouvi com atenção outros membros prestarem testemunho na reunião sacramental, refletindo se o meu era real. Certo domingo, meu professor de Princípios do Evangelho disse-nos que a única coisa de que uma pessoa precisa para obter um testemunho era ter fé de que Jesus Cristo vive e preside a Igreja.

Essas palavras surtiram tal efeito sobre mim que comecei a chorar. Eu sabia que possuía essa fé. Eu sabia que Cristo vivia, amava-me e presidia a Igreja. Eu também sabia que possuía um testemunho sobre conselhos disciplinares, oração, Palavra de Sabedoria, dízimo e líderes chamados por Deus. Fui para casa naquele dia sabendo que possuía um testemunho.

REFLEXÕES SOBRE MEU RETORNO À IGREJA

Muitas pessoas perguntam-me: "O que fez você voltar?" Costumo dizer que um bispo maravilhoso chamou-me para conversar quando eu estava pronta, mas percebo agora que o processo começou muito antes.

Meus pais sempre foram exemplos de retidão, honestidade, integridade e amor. Ensinaram-me princípios corretos durante toda a vida. Além disso, vivi e trabalhei ao lado de homens e mulheres que honram o sacerdócio e lideram pelo exemplo, sendo que muitos deles despenderam tempo, respondendo a minhas perguntas.

Um vizinho com doze filhos convidou inúmeras vezes meus dois filhos mais velhos para jantar com eles, participar de reuniões familiares e atividades na Igreja. Tenho certeza de que meus vizinhos teriam preferido se tivéssemos abaixado o som ou terminado nossas festas mais cedo, mas eles não reclamavam. Acho que eu não teria sido tão receptiva ao convite do bispo se sentisse, mesmo que levemente, alguma restrição da parte deles em ser nossos amigos porque eu não freqüentava a Igreja. Muita coisa boa pode surgir simplesmente do fato de amarmos nosso próximo!

Tenho um carro velho que não possuía luz interna quando o comprei. Durante o dia, ter ou não luz não fazia diferença, mas, à noite, eu sempre ficava um pouco nervosa por ter de entrar em meu carro no escuro. Se tivesse que seguir alguma instrução escrita, precisava parar debaixo de um poste de luz. Se deixasse cair algo, era difícil encontrar o objeto. Não ter luz interna no carro era inconveniente, mas eu me acostumei a isso.

Quando uma amiga pediu-me o carro emprestado, ao devolvê-lo, vi que ela havia instalado uma luz nova. Disse-me que custara menos de um dólar e levara apenas um minuto para ser instalada. Foi maravilhoso! Como pude ficar tanto tempo sem luz no carro?

Durante as semanas seguintes, percebi que ter finalmente uma luz dentro do carro era como ter finalmente luz espiritual. Eu achava que minha vida estava boa do jeito que estava, mas, na realidade, eu estava sofrendo por não ter luz espiritual. O medo de entrar num carro escuro fez-me lembrar do medo de morrer sem ter-me arrependido. Procurar um poste para ler instruções escritas era como conversar sobre o evangelho com amigos em quem eu confiava, mas eu não poderia sempre contar com luz emprestada. Perder coisas no escuro era como esquecer dos princípios do evangelho, o que aconteceria facilmente sem a luz do espírito. Ainda assim, eu conseguia dirigir o carro e passar pela vida sem a luz, mas eu estava perdendo bênçãos de paz, orientação e entendimento. Tudo o que eu tinha de fazer para começar a ter luz outra vez era arrepender-me, um processo que se iniciou quando conversei com o bispo e voltei a freqüentar a Igreja.

Fui recentemente ao templo e senti-me ainda mais forte espiritualmente. Hoje, espero poder compartilhar o que sei com outros que não possuem luz suficiente. Meu marido, às vezes, participa de atividades da Igreja, e os membros fazem todo o possível para fazê-lo sentir-se parte da ala. Sinto-me eternamente grata ao Pai Celestial, a Seu Filho, Jesus Cristo, e às pessoas que olharam para mim não como a pessoa que eu era, mas como a pessoa que eu tinha potencial para tornar-me. □

ESTOU PRONTO?

Mauro Properzi
ILUSTRADO POR GREGG THORKELSON

Era meia-noite e quinze de uma noite fria. Eu tinha acabado de sair da delegacia e entrei no Alfa Romeo azul do *carabinieri* italiano. Todos os jovens italianos são obrigados a prestar um ano de serviço para o exército ou para o governo; eu fora designado para a polícia. Meu dever naquele dia era fazer a patrulha nas cidades de Jesolo e Cavallino, próximas a Veneza, entre meia-noite e seis da manhã.

Eu nem sempre me entendia bem com meu parceiro devido ao seu temperamento e minha falta de paciência. Entretanto, nossas relações haviam melhorado substancialmente na semana anterior.

De repente, ouvimos um chamado de auxílio pelo rádio. *Avanti dalla trentuno*, respondi eu. A delegacia informara-nos de que acabara de acontecer um assalto a banco numa pequena cidade rural ao norte de Veneza. Meu coração disparou ao deparar-me com o perigo em potencial. O oficial declarara pelo rádio que um policial havia sido morto durante o roubo. Os quatro homens envolvidos estavam armados com *Kalashnikovs*, armas automáticas de fabricação soviética. Os bandidos estariam supostamente dirigindo-se a toda velocidade para Jesolo, num *Lancia* branco.

"*Ricevuto*", disse eu, desligando o rádio e pegando automaticamente minha arma. Voltei-me para meu parceiro e perguntei: "O que vamos fazer se os encontrarmos?" Sua resposta foi fria e direta: "Atirar".

Meu parceiro mudou rapidamente a marcha do carro. Comecei a imaginar todas as diferentes circunstâncias nas quais poderia estar envolvido nos próximos minutos. Eu estava cônscio de que nossa vida corria perigo e percebi que se nos defrontássemos com quatro homens armados, nossas chances de sobrevivência não eram boas. Meu parceiro estava em silêncio, demonstrando certa apreensão.

Será que eu estava disposto a morrer por este trabalho e meu país? A pergunta que me surgiu na mente foi logo respondida pelas palavras do juramento que fiz ao iniciar meu serviço. Eu prometera servir o povo da Itália e protegê-lo de atos criminosos, mesmo se isso significasse perder minha vida.

Quando entramos na rua principal de Jesolo, segurei firme o cabo da arma com a mão direita. O pensamento voltou-me à mente: *Estou pronto para morrer? Estou pronto para voltar ao Pai Celestial?* Comecei a pensar em minha família, minha vida e meu testemunho do evangelho. Refleti sobre minhas fraquezas e, quase instantaneamente, percebi que minha consciência estava tranqüila. Eu não tinha grandes remorsos e sentia que havia pedido desculpas a todas as pessoas a quem tivera feito algum mal. Esse pensamento fez-me experimentar uma paz indescritível. Meus batimentos cardíacos voltaram ao normal e fiquei tranqüilo.

Naquela noite, não enfrentamos os assaltantes. Concluí meu ano de serviço na polícia alguns meses mais tarde, nunca tendo de usar uma arma. Porém, jamais esquecerei aquela experiência, pois ela ajudou-me a reconhecer que o Pai Celestial poderia chamar-me de volta para casa a qualquer momento — e quero estar pronto para deixar esta Terra tendo a paz de uma alma limpa e arrependida. □



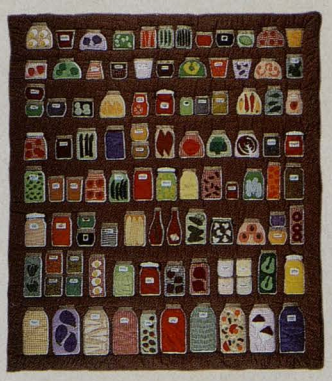
Ponto por Ponto

Petrea Kelly

Sentada num banco do Central Park da Cidade de Nova York, Lynda Gunther dá pequenos pontos em um quadrado de retalhos enquanto seus filhos correm e brincam no escorregador, na balança e na gangorra. Há quase 20 anos ela traz os filhos ao parque e costura lembranças e valores em retalhos de tecido.

"Quando o Paul e eu nos mudamos pela primeira vez para cá, tínhamos três filhos pequenos", conta Lynda. "Pouquíssimos membros da Igreja haviam tentado criar a família nesta cidade e a maioria nos aconselhava a não tentar. Eu pensava na cidadezinha onde crescera, lembrava dos homens e mulheres independentes e autoconfiantes e imaginava se conseguiria trazer aqueles valores para este novo ambiente. Também queria que meus filhos pudessem passar muito tempo ao ar livre, correndo e brincando. Comecei, então, a levá-los ao parque. Quando não estava brincando com as crianças, ocupava-me costurando e aproveitava para pensar um pouco a respeito das incertezas de morar na cidade grande."

Lynda procurou incorporar os valores das pessoas que admirava em sua nova vida usando de criatividade. Fazer compotas tornou-se um símbolo de auto-suficiência. Quando não conseguia frutas e legumes frescos na cidade, fazia uma lista de tudo aquilo que lembrava de ter visto a mãe e as avós colocarem em vidros e fazia acolchoados que representavam muitas daquelas coisas. Desse modo, Lynda homenageava os antepassados pioneiros e proporcionava aos filhos um modo de apreciarem a história da família. Ela também ensinou-lhes a serem independentes, trabalharem arduamente, serem autoconfiantes e a compreenderem a lei da colheita em um novo ambiente.





Quando o acolchoado das compotas ficou pronto, Lynda começou a fazer um com histórias da família. Fez vários outros, incluindo um acolchoado de recordações para cada filho. A tradição iniciou-se quando a filha mais velha, Janelle, tinha sete anos. Lynda e Janelle pegaram os melhores desenhos de Janelle, bilhetes especiais e até um problema de matemática e os copiaram em pedaços de tecido branco. Lynda juntou os retalhos sobre a mesa da cozinha e costurou-os. Quando Janelle foi batizada, sua infância estava preservada em um acolchoado. Seguiram-se outros seis acolchoados, cada um com suas peculiaridades, refletindo a criança que ajudou a criá-lo. Lynda e a filha caçula, Jesse, estão agora reunindo o material para confeccionar o oitavo acolchoado.

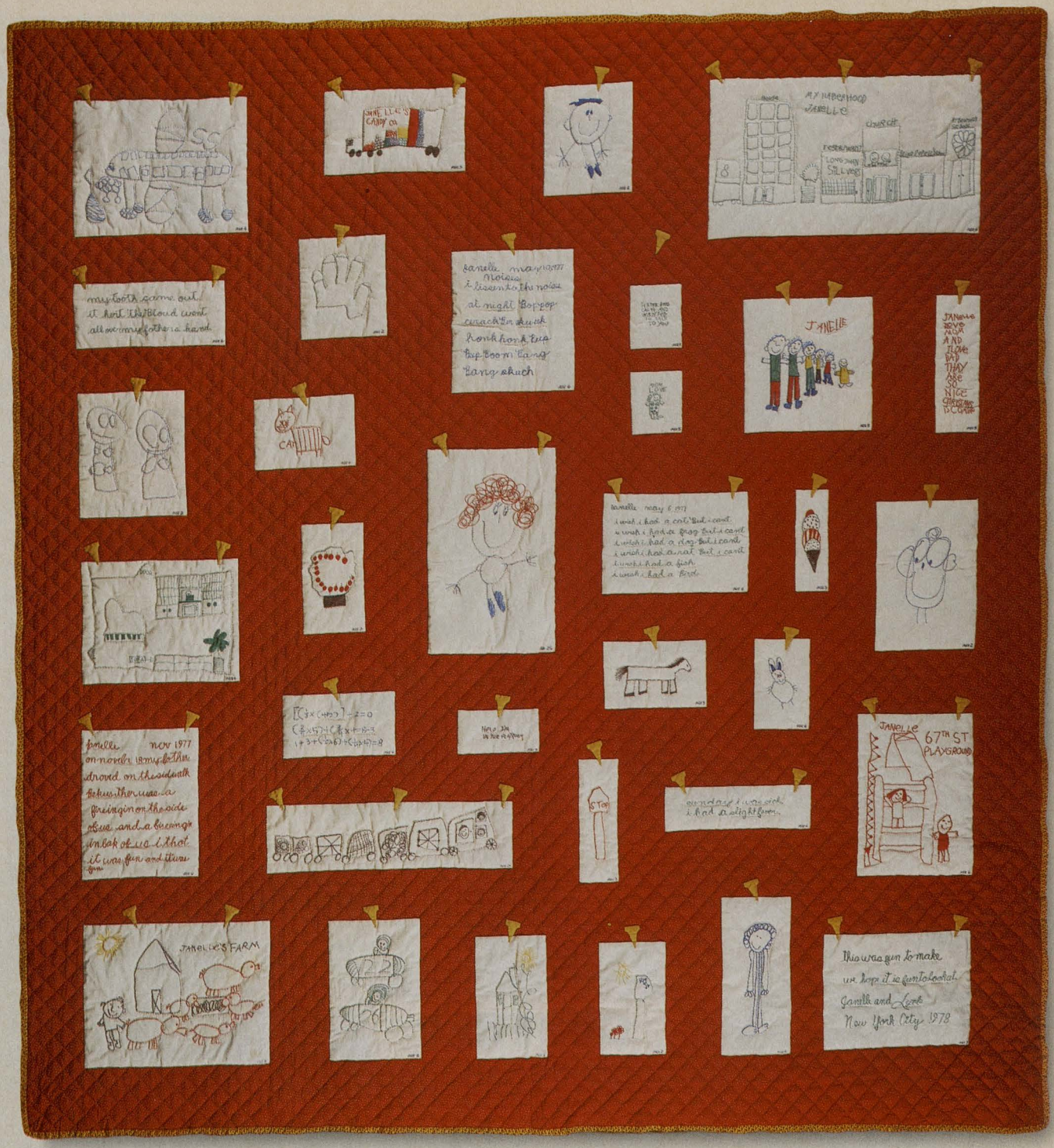


FOTOGRAFIA DE BRIAN K. KELLY; ACOLCHOADOS FOTOGRAFADOS POR CRAIG DIMOND



FOTOGRAFIA DE BRIAN K. KELLY; ACOLCHOADOS FOTOGRAFADOS POR CRAIG DIMOND

Acima: O acolchoado da árvore familiar dos Gunther é verdadeiramente um elo de gerações. Paul e Lynda, na parte oval, casaram-se no Templo de Salt Lake (em cima à direita) em 1966. Os nomes dos oito filhos do casal aparecem no tronco da árvore. Os frutos contêm as assinaturas dos irmãos de Lynda e de Paul e dos respectivos cônjuges. Os ramos da árvore representam os antepassados dos Gunther. Lynda incluiu as assinaturas dos antepassados no acolchoado e, no lugar daquelas que não conseguiu, colocou os nomes. As casas próximas da árvore representam os lugares em que Lynda e Paul moraram. *Página oposta*: Lynda Gunther fala a respeito de seus acolchoados: "São todos experimentais — não são perfeitos".



Acima: Para seu acolchoado, Janelle, a filha mais velha, selecionou desenhos que fez da família, da vizinhança, de sua casa e de um parque próximo. Também incluiu bilhetes que escreveu à mãe e um problema de matemática que resolveu quando tinha seis anos.



Jesse, a mais nova, de sete anos, passa os desenhos para o tecido ao começar a trabalhar em seu acolchoado com a mãe.

Lynda incentivava os filhos a colocarem coisas que imaginassem que seus futuros filhos gostariam de ver. Incluíram desenhos das casas em que a família morou, auto-retratos e retratos de membros da família, salas de aula prediletas, parques e até o ponto de ônibus. Os acolchoados ficam expostos em ocasiões especiais, como aniversários e outras datas marcantes.

"Gostaria de poder escrever", diz Lynda, "mas precisaria de um ambiente calmo e isso com certeza não acontece quando se mora num apartamento com o marido e oito filhos! Posso fazer esses acolchoados no parque ou em casa e ainda ficar junto de minha família. Não sou uma artista; por isso, quando comecei, não tinha restrições — era livre para experimentar e criar o que quisesse. Alguns acolchoados não ficaram tão bons quanto outros, mas gosto de tecidos; gosto de trabalhar com eles e de fazer coisas bonitas."



Lynda e os filhos juntam os desenhos para fazer um acolchoado em seu apartamento em Nova York.

Lynda, cercada pelos tecidos, pela família e pela cidade que ama, diz: "É deste modo que registrei minha história pessoal e a história de minha família."

Abaixo, à esquerda: Um jovem cientista, Justus, o sétimo filho, escolheu desenhos de espaçonaves, um dragão, um castelo rodeado por um fosso infestado de tubarões e um auto-retrato para o próprio acolchoado. *Abaixo, no centro*: Jansen, o sexto filho, incluiu em seu acolchoado preto e branco um navio de piratas e também pinturas de histórias das escrituras e de Joseph Smith. *Abaixo, à direita*: No acolchoado do segundo filho, Jordan, em cujas bordas Lynda usou tecido xadrez, há um desenho bastante detalhado do púlpito da capela de Manhattan, provavelmente o resultado de um garoto muito observador sentado, semana após semana, na primeira fila.







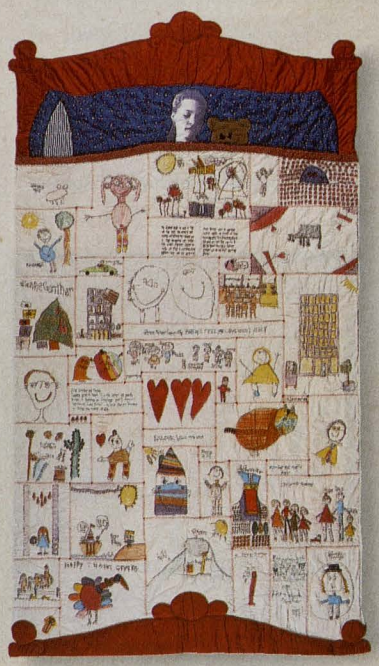


Jenessa, a terceira filha, retratou seu vestido predileto azul no acolchoado. Seu desenho está exposto na parede atrás dela; influência das visitas da família ao *Metropolitan Museum of Art*.

À Direita: Todos os detalhes deste acolchoado, que as crianças usam durante a semana do aniversário, representam histórias importantes para a família Gunther. A galinha representa uma história sobre a Bisavó Gunther que, quando menina, tinha de acordar cedo para alimentar as galinhas. O acolchoado também inclui Jonas e a baleia, uma das histórias prediletas das escrituras; o Templo de Salt Lake onde Paul e Lynda se casaram e um envelope da missão de Paul na Alemanha. □

À direita: A sexta filha, Julia, costurando seu acolchoado. *Extrema direita*: Jilenne, a quarta filha, dormindo, coberta pelo acolchoado que ela mesma criou.






Gunther
Am Hirschsprung 33
Berlin, Germany
LYNDA 1972



FOTOGRAFIA DE RICHARD M. ROSINEY

EU ME LEMBRO

Richard M. Romney



O lema da província de Quebec, no Canadá, é *Je me souviens*, que significa "Eu me lembro". Podemos vê-lo em todas as placas de carros, nos emblemas e em estátuas de mármore.

Há muito o que lembrar a respeito da província de Quebec. Foi lá que a França e a Grã-Bretanha lutaram para adquirir o controle da América do Norte. Lá se encontram tribos de índios nômades e vastas áreas ainda não exploradas. O uso dos abundantes recursos naturais ainda é um desafio. Em Quebec encontramos algumas das mais antigas colonizações do continente norte-americano, com seus fortes murados e ruas de paralelepípedos que, hoje em dia, estão cercadas por distritos comerciais e arranha-céus.

É também um lugar onde os jovens santos dos últimos dias que aqui vivem estão conscientes das muitas coisas que devem lembrar, com o objetivo de manter não apenas o senso histórico ou de identidade, mas de viver mais plenamente o Evangelho de Jesus Cristo.

LISTA DE VERIFICAÇÃO

Léa Dussault, por exemplo, tem uma lista de verificação para se orientar: "Uso-a e aplico-a todos os dias", diz a moça de 15 anos de St. Polycarpe, uma cidadezinha na fronteira de Quebec com Ontário próxima a Hawkesbury. "Leio as escrituras durante 30 minutos, faço as lições do seminário durante, pelo menos, meia hora, empenho-me com as metas do Progresso Pessoal e leio minha bênção patriarcal. Também oro muito, pois assim sinto-me mais confiante. Quando vou para meu quarto à noite, certifico-me de ter alcançado todas as metas espirituais que estabeleci para o dia que se passou; caso contrário, não me sinto pronta para ir deitar-me."

Léa tem um lema pessoal: "Decidi ser um com Cristo hoje". Ela tem-se esforçado para ser um exemplo ao viver tal declaração.

UMA RECORDAÇÃO



"Devemo-nos lembrar das bênçãos que podemos receber ao sermos fiéis", diz Marc-André Côte, um rapaz de 15 anos de Chicoutimi. "Tenha sempre em mente essa meta. Quando certa vez Oliver Cowdery ficou desanimado, o Senhor lembrou-lhe de que deveria ter em mente as promessas que Ele lhe havia feito caso permanecesse fiel. [Ver D&C 6:13.] Quando pensamos a respeito do reino celestial e da exaltação, encontramos forças para sobrepujar as dificuldades da vida."

Marc deve saber. Ficou quatro anos afastado da Igreja. Há mais ou menos dois anos passou pela seguinte experiência: "Fiquei perguntando a mim mesmo o que eu estava fazendo com minha vida. Estava procurando algo e lembrei do que sentia ao freqüentar a Igreja. Senti o Espírito dizer-me: 'Vá!' Então decidi experimentar somente mais uma vez. Julguei que seria difícil voltar a ficar ativo na Igreja, mas foi fácil. Foi ainda melhor do que eu imaginava. Li, estudei muito e ganhei um testemunho de que esta é a Igreja verdadeira, organizada da maneira como o Senhor deseja".

UM EXEMPLO

Julia Awashish, uma índia norte-americana de 17 anos, da cidade de Quebec, concorda com Marc.

Alexandra Gilbert e Vetséra Lapierre representam muitos jovens de Quebec que fizeram de *Je me souviens* — Eu me lembro — um modo de vida. Abaixo: Léa Dussault com seu pai, Yvan e irmão, Jean-François.



FOTOGRAFIA DE RICHARD M. ROMNEY

"Precisamos sempre lembrar-nos dos convênios que fizemos ao sermos batizados", diz ela. "As promessas que fizemos a Nosso Pai Celestial são uma razão para que sejamos membros fortes da Igreja. Faz seis anos que me filiei à Igreja. Sou feliz por minha mãe e eu sermos membros, visto que a Igreja me ajuda muito quando tenho que enfrentar um problema. Além disso, a Igreja faz-me ter em mente que devo ser feliz, já que o evangelho é uma mensagem de alegria."



Julia fala da ocasião em que ela e sua mãe foram visitar parentes na aldeia de onde vieram, Obedjiwan, que fica distante, no norte de Quebec: "Houve muitos comentários a respeito de sermos santos dos últimos dias. Isso foi no início, porque agora todos vêem, por meio de nosso exemplo, que somos pessoas comuns e amigas e aceitam-nos sem nenhum problema".

Abaixo: Madeleine e Olivia Montminy são gratas por sua mãe, que também é sua professora do seminário. Página seguinte: Jarom LaPierre e Robert-Emmanuel Duchesne.



UMA PAZ PERFEITA

Vetséra Lapierre, de 14 anos e também da cidade de Quebec, diz que sempre se lembrará da primeira vez que foi ao templo de Toronto, Ontário, para fazer batismos pelos mortos. "Fiquei muito contente por estar com tantos jovens da Igreja; a alegria que senti fez-me derramar lágrimas de gratidão", declara ela. "Foi algo com o que sonhei durante anos e agora meu sonho estava tornando-se realidade. No momento em que entramos pelas portas da Casa do Senhor, senti uma paz completa, uma força espiritual que crescia cada vez mais, à medida que realizávamos os batismos. Esse sentimento permanece comigo desde aquele momento e, todas as vezes que encontro uma tentação em meu caminho, lembro-me de como senti-me no templo. Quero sempre sentir essa paz e retornar muitas vezes ao templo."

Alexandra Gilbert passou por uma experiência semelhante ao encontrar-se com o Presidente Gordon B. Hinckley na dedicação do templo. A jovem de 14 anos da cidade de Alma diz: "Ele não era o Presidente da Igreja naquela época, mas agora é. Ele estava subindo as escadas para entrar no templo, parou, apertou minha mão e conversamos por uns instantes. Ele é muito amável. Não entendi muito do que disse porque ele falou comigo somente em inglês, mas tive um sentimento maravilhoso a respeito dele. Sempre lembrarei o momento em que estive com ele e de que temos um profeta vivo".

UM COMPROMISSO

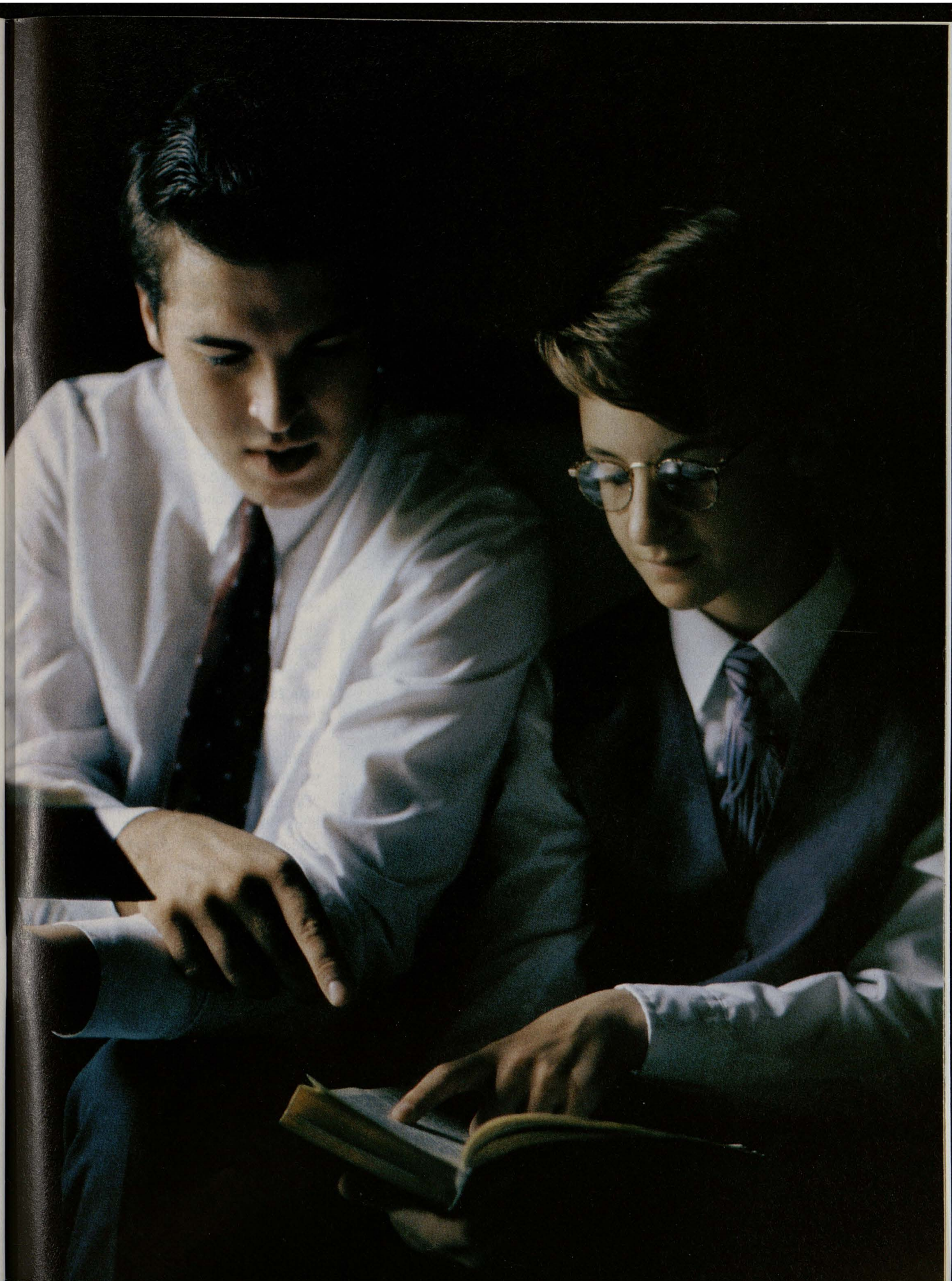


Robert-Emmanuel Duchesne tem 13 anos e mora na pequena cidade de St. Monique, cerca de 45 minutos de Alma no Lago St. Jean. "Embora freqüentemos um ramo pequeno, fazemos as mesmas coisas que as outras pessoas fazem na Igreja. Temos atividades para os jovens e vamos às reuniões todos os domingos. Às vezes, quando há algo que meus amigos querem fazer juntos, não deixam de convidar-me. Sabem, porém, que reservo os domingos para a Igreja." Ele se comprometeu a guardar o dia do Senhor e lembra-se da promessa que fez.

Também procura lembrar-se do compromisso de magnificar seu chamado. "Há somente dois portadores do Sacerdócio Aarônico no Ramo de Alma, o que não é muito. Apesar disso, fazemos o melhor possível para servir e procuro lembrar-me a todo o instante, de que há muitas crianças em nosso ramo que crescerão na Igreja e farão o ramo progredir. As crianças mais novas precisam de nós para preparar o caminho, trabalhar com afinco e ser bons exemplos."



Encontramos outro exemplo de compromisso semelhante ao Sacerdócio Aarônico em Rimouski, uma cidade na parte leste da província, perto da foz do rio St. Lawrence. "Começamos a recolher as ofertas de jejum visitando todos os membros,





Olivia e Madeleine Montminy sentem alegria em apoiarem-se mutuamente na Igreja e ao servir outras pessoas na comunidade.

indo de porta em porta", relata Hugo Lêvesque, de 16 anos. "Temos que ir de carro até a casa de alguns membros quando recolhemos as ofertas de jejum uma vez que 50% dos membros moram em outras cidades pequenas na região. Por que não faríamos isso, já que nosso presidente do ramo disse que, durante o tempo de Joseph Smith, os membros do Sacerdócio Aarônico iam de porta em porta recolhendo as ofertas de jejum? É algo que nos faz lembrar de nossas responsabilidades."

UMA ESCRITURA

"Leio as escrituras com minha família todas as manhãs", diz Olivia Montminy, de 17 anos, que mora em Scott e freqüenta a Igreja em Lévis. "Durante o dia, penso nas coisas que li nas escrituras ou nos hinos que cantamos em família. As escrituras e os hinos permanecem em minha mente o dia todo."

Ela não está sozinha. A juventude da Ala Lemoyne de Montreal estuda as escrituras regularmente e cada um deles tem uma passagem favorita. A favorita de Ariane Caron, de 15 anos, é a parte das escrituras onde Néfi fala a respeito de escrever o que agrada a Deus e não ao mundo. (Ver 1 Néfi 6:5.) "Lia essa escritura com minha mãe, quando eu era menor e sentia o espírito de tal modo que tinha de parar e lê-la novamente. Isso mostrou-me que as escrituras vêm de Deus. Foi o início de meu testemunho pessoal."

PERÍODO DE VISITAÇÃO

A escritura favorita de Oliver Carter, de 15 anos, é a história dos jovens guerreiros em Alma 53. "Eles lembraram-se do que as mães os ensinavam", diz ele, "e foram totalmente leais ao guardar os mandamentos."

Para Esther Caron, de 17 anos, é Filipenses 4:13: "Posso todas as coisas em Cristo que me fortalece". É uma escritura da qual se lembra com freqüência e que costuma repetir diversas vezes quando necessita lembrar-se de ter fé.

UMA META

A juventude SUD de Quebec sabe que há muitas coisas das quais deveriam lembrar-se todos os dias, tais como a necessidade de dar um bom exemplo, viver a Palavra de Sabedoria, manter-se moralmente limpo, ser gentil com os membros da família e compartilhar o evangelho. Em tudo o que dizem e em tudo o que fazem, empenham-se em guardar um convênio que renovam todas as semanas por meio do sacramento: de sempre lembrar-se do Salvador. □



FOTOGRAFIA DE FREDERICK FROERER III

Uma das melhores maneiras para fazer amigos é convidá-los para visitar-nos, certo? É isso o que a Ala Montreal da Estaca Montreal Quebec Mount Royal fez. A capela nova criou tanto interesse na vizinhança de La Salle que os líderes da ala decidiram deixá-la aberta para receber visitantes.

Quando o fizeram, a juventude da ala teve uma grande participação. Os adolescentes santos dos últimos dias serviram lanches, ajudaram no estacionamento e recepcionaram os visitantes na entrada da capela.

"Foi uma ótima experiência porque deu a oportunidade a outras pessoas da comunidade de aprenderem mais a nosso respeito — no que acreditamos e o que fazemos", explica Melissa Poirier, de 15 anos. Mais de 300 não-membros visitaram a capela.

Ao perguntarem a um homem por que sua família veio ver a capela, respondeu: "Observamos quando fizeram a cerimônia da abertura da terra no ano passado. Vimos este bonito edifício sendo construído e agora queremos vê-lo por dentro. Estamos muito entusiasmados!"

Uma mulher disse: "Tenho minha própria religião, mas fiquei interessada em ver o edifício". Ela passou horas fazendo perguntas e quando ia saindo disse: "Não sabia que vocês acreditavam em Cristo. Fiquei muito impressionada".

Houve também um pequeno protesto por causa do novo edifício. "Havia dois homens do lado de fora que permaneceram na chuva por seis horas distribuindo literatura antimórmon", disse Shawn, irmão gêmeo de Melissa. Sentimos pena deles e colocamos alguns biscoitos em dois pratos e os levamos até eles. Parece que ficaram gratos pela comida."

Além da oportunidade de visita, a ala também patrocinou um jantar para o prefeito de La Salle, vereadores, o empreiteiro, os projetistas , os arquitetos e outras pessoas envolvidas com a construção.

"O jantar foi muito animado e tivemos de prestar muita atenção ao trabalho", diz Shawn. "Mas recebemos muitos elogios, o que deixou transparecer um bom sinal de interesse e aceitação por parte da comunidade." □



O ataque do elefante

No que se referia a falar do evangelho, eu era tão sutil quanto um elefante.

Terri Reid
ILUSTRADO POR RICHARD HULL

Meus primeiros meses como membro da Igreja foram difíceis —principalmente para os meus amigos. Por um lado, eu estava entusiasmada com o que encontrara, especialmente a paz interior e a alegria de ter um relacionamento mais próximo com o Pai Celestial e com Jesus Cristo.

Por outro lado, na euforia de compartilhar a nova compreensão do evangelho restaurado e seus ensinamentos, sempre que via meus amigos não-membros fazerem algo que considerava errado, falava com eles.

Naturalmente, eu era tão sutil quanto um elefante em marcha.

Certa noite, no inicio do verão, finalmente percebi como havia-me tornado crítica e considerando-me a única a ter razão. Cerca de cinco meses após meu batismo, fui a um concerto ao ar livre com um amigo. Ao caminharmos a procura de um local para nosso piquenique antes do concerto iniciar, notei que muitas pessoas ao redor haviam levado vinho. Sem querer deixar passar a oportunidade de mostrar quanta sabedoria eu havia adquirido como membro da Igreja, falei com repugnância a meu amigo: "Olhe todo esse pessoal tomando vinho — quanto mau gosto!"

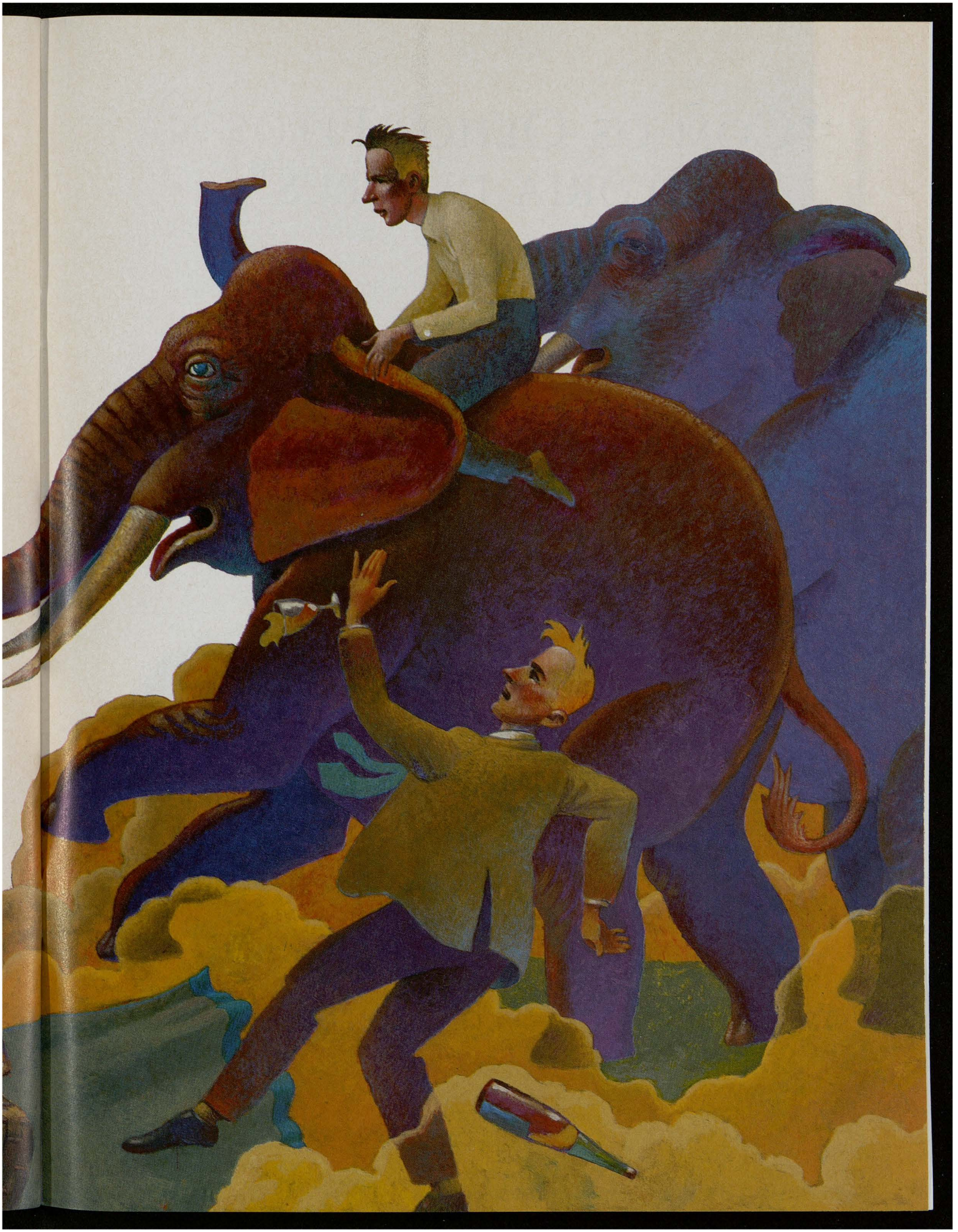
Meu amigo, tão gentil e paciente, virou-se para mim e disse: "Tenho certeza de que quando os judeus vão a um restaurante não criticam todos os que estão comendo carne de porco".

Por fim, tive o bom senso de ficar em silêncio por uns instantes e ponderar a respeito do que ele dissera. Dei-me conta de que, em todas as aulas que tivera, jamais ouvira falar de membros que saem por ai a julgar os outros. Na verdade, os termos "exemplo" e "amor ao próximo" haviam sido bastante usados.

Encabulada, agradeci a meu amigo por sua sabedoria e pedi desculpas pela falta de consideração que tivera.

Fico feliz ao dizer que aquelas palavras causaram um grande impacto em mim. Parei de exigir que meus amigos mudassem e passei a exigir que eu mesma mudasse. Ainda falo de minhas crenças com os outros, mas, com cortesia — cortesia essa que, felizmente, tem ajudado meus amigos a se sentirem a vontade para conversar comigo a respeito da Igreja. □





"Com os Olhos Fitos na Glória de Deus"

Beth Dayley

Fico maravilhada com as coisas belas que os homens e mulheres criam a partir de materiais comuns. Com um número limitado de notas, compõem sinfonias; partindo de apenas três cores primárias, pintam quadros magníficos; com retalhos de tecido fazem acolchoados. Dificilmente a matéria do artista é rara ou incomum. É o seu tempo, talento, trabalho árduo — e inspiração — que transformam o comum em incomum.

Sinto-me tão grata por Deus não enxergar a humanidade com os olhos de um crítico de arte, mas com o discernimento da Deidade. Muitos indivíduos que parecem privados de talentos artísticos óbvios desenvolveram seus traços de caráter, transformando-os em extraordinárias obras de arte. Tenho testemunhado sinfonias de serviço, balés de bondade, esculturas de integridade.

Para cada escritor que ganha o Prêmio Nobel de literatura, há inúmeros homens e mulheres que ensinam fielmente sua família a amar as escrituras. Para cada artista cujos quadros de valor inestimável são expostos em museus, há um número incontável de pessoas que estão esboçando vidas de sacrifício e dedicação. Para cada compositor que faz sucesso com sua música, há um sem-número de indivíduos cuja vida são hinos de louvor a Deus.

Toda oração de arrependimento é importante para Deus. Toda família fiel pode ser um reflexo do céu. Todo empenho sincero torna-se um ato de fé e de esperança. Toda ação virtuosa pode fortalecer a fé de outrem.

É a nossa motivação e não o material que utilizamos que realmente importa — "todo homem procurando os interesses do seu próximo, e fazendo tudo com os olhos fitos só na glória de Deus" (D&C 82:19). □



COMPOSTO ELETRONICAMENTE POR PAT GERBER; FOTOGRAFIA DE CRAIG DIMOND, ILUSTRAÇÃO DA FOTO AO FUNDO DE O'VERY/COVEY. CORTESIA DO BALLET WEST.

COMPOSTO ELETRONICAMENTE POR PAT GERBER; FOTOGRAFIA DE CRAIG DIMOND; ILUSTRAÇÃO DA FOTO AO FUNDO DE O'VERY/COVEY. CORTESIA DO BALLET WEST.



Forging Onward, Ever Onward **(Juntos, Todos Juntos) de Glen S. Hopkinson**

Forçado a abandonar seu lar em Nauvoo, no Estado de Illinois, o primeiro grupo de santos dos últimos dias atravessou o rio Missouri em fevereiro de 1846 e acampou perto de Sugar Creek no sudeste de Iowa. Desse lugar, afligidos pela neve e frio extremo, iniciaram a viagem de 2.000 quilômetros rumo ao oeste, sob o olhar vigilante das autoridades da Igreja. Cortesia de Lennon e Suzane Ledbetter.



No cenário histórico de Quebec, no Canadá, os jovens santos dos últimos dias estão criando sua própria história ao lembrarem-se do Salvador e guardarem o convênio batismal. Ver "Eu Me Lembro", página 40.









97988059

97988 059